FACULDADE CATÓLICA SALESIANA DO ESPÍRITO SANTO

SUELLEN LOPES MEDEIROS PANSINI DA SILVA

A ESCOLHA DE SER MÃE: CONCEPÇÕES DE MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

VITÓRIA

2015

SUELLEN LOPES MEDEIROS PANSINI DA SILVA

A ESCOLHA DE SER MÃE: CONCEPÇÕES DE MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Orientador: Profª. Msc. Vânia Maria Congro Teles

VITÓRIA

2015

SUELLEN LOPES MEDEIROS PANSINI DA SILVA

A ESCOLHA DE SER MÃE: CONCEPÇÕES DE MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica Salesiana do Espírito Santo, como requisito obrigatório para obtenção do título de Graduação em Psicologia.

Aprovado em _____ de _____ de ____, por:

_____

Profª. Ms. Vânia Maria Congro Teles - Orientador

_____

Prof. Dr. Alexandre Cardoso Aranzedo, Faculdade Católica Salesiana de Vitória

_____

Profª. Ms. Daniela Messa Melo e Cruz, Faculdade Católica Salesiana de Vitória

Dedico esse trabalho, que considero uma conquista, a cinco pessoas que me deram asas e âncora. Sara (Mãe), Elson (Pai), Warley (Irmão) e Felipe (Esposo).

AGRADECIMENTOS

A DEUS, d'Ele vem tudo o que sei, tenho e sou.

Dedico aos meus pais, meu alicerce, SARA E ELSON pelo apoio e incentivo a lutar pelos meus objetivos.

A WARLEY perto ou longe, você é essencial para mim.

A FELIPE meu esposo, amoroso e companheiro incondicional.

Agradeço aos meus avós, tios e primos por nunca duvidarem do meu potencial.

Agradeço aos meus irmãos em Cristo, amigos, colegas de profissão e equipe do trabalho que torceram por essa concretização. Sinto-me privilegiada por ter pessoas maravilhosas como vocês.

Para que a concretização deste estudo se efetivasse: agradeço às inúmeras pessoas que foram incentivadoras neste processo e seus ensinamentos serão a partir de agora essenciais em minha caminhada pessoal e profissional. Então, por estes extraordinários exemplos, expresso meus reais agradecimentos.

Aos professores por proporcionar o prazer pelo conhecimento.

À Profª. Msc. VÂNIA MARIA CONGRO TELES, pela sua dedicação, paciência e inteligência, que soube orientar e valorizar esta pesquisa. Te admiro como pessoa e profissional.

Ao Prof. Dr. ALEXANDRE ARANZEDO, que com sua capacidade e empenho em coordenar o Curso de Psicologia, sempre esteve disposto à melhor atender e me proporcionou caminhar até aqui.

Às participantes dessa pesquisa pela colaboração e propiciar essa trajetória de conhecimento. Conheci um jardim florido cheio de projetos e sonhos.

A mim. "Nas grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer". Gandhi

O Futuro

“O futuro é um espaço no tempo

Desejado e desconhecido

Mas que mobiliza vidas

Projetos e possibilidades

Possíveis e impossíveis

O futuro é movimento do presente

Fruto da semente do agora

Cuidada com todo o esmero

Árvore misteriosa

Movimento da vida

Laço do cotidiano

Mágica temporal

Vir-a-ser”.

Bião (2010)

“Somos indivíduos livres e nossa liberdade nos condena a tomarmos decisões durante toda a nossa vida. Não existem valores ou regras eternas, a partir das quais podemos no guiar. E isto torna mais importantes nossas decisões, nossas escolhas”.

Sartre (1943)

RESUMO

A interface entre a mulher pós-moderna e a maternidade é um aspecto subjetivo de interesse da psicologia no que tange os constructos estabelecidos pelo produto das interações entre as dimensões biológica, social e psicológica. No decorrer das eras as civilizações sofreram transformações em seus papéis sociais e ao logo da história se destaca a mulher em sua valorização do desígnio feminino, com isso reproduzindo esse padrão de comportamento de ser mãe. Entretanto, essa mesma mulher postula novos papéis em uma inserção social, influenciando a maneira de tornar-se mãe através de reflexões para um planejamento, consciência, escolha pela identificação positiva ou negativa, sentimentos, percepções e reconhecimento de si mesma. A mulher conciliar entre ser mãe e as dadas circunstancia cotidiana, como por exemplo, a realização de uma carreira profissional, é levar em consideração a concretização ou adiamento do projeto de maternidade. Diante disso, se estabelece a problematização de como se constrói o processo de escolha e a compreensão em ser ou não ser mãe. O objetivo dessa pesquisa foi investigar as concepções de maternidade para as mulheres da atualidade como reflexo de sua escolha em ser mãe. Buscou-se dimensionar as concepções da mulher pós-moderna relacionadas aos significados e à escolha por ser mãe, entre vários outros papéis sociais, com mulheres que residem na Região Metropolitana da Grande Vitória. Tratou-se de um estudo de caráter quanti-qualitativo, cuja análise foi realizada por meio do método fenomenológico. O estudo contou com a participação de 10 mulheres, entre 25 a 35 anos, casadas, sem filhos e com nível superior completo ou incompleto. Elas passaram por duas etapas: a identificação do perfil para pesquisa e um roteiro de entrevista semi estruturada, que buscou incentivar o compartilhar das experiências e perspectivas da condição feminina dessas mulheres. Elas responderam sobre os conjuntos de percepções, idéias e visões trazidas com relação à construção da concretização ou adiamento do projeto de maternidade, levando-se em considerações suas influências histórico-sociais e subjetivas a respeito da escolha em ser mãe. A fundamentação teórica baseou-se na abordagem da Psicologia Existencial. Foi possível através das unidades de significados, mergulhar no fenômeno aqui expresso: a escolha pela maternidade. As entrevistadas ressaltam que ser mãe faz parte da completude da vida da mulher, como conquista do sonho infantil, sentir-se vocacionada e o desejo em vivenciar este papel de mãe como uma

missão. Na tentativa de controlar suas vidas em relação aos projetos futuros, possuem um olhar romantizado, pouco flexível e imerso em fantasias. Põe em primeiro lugar o sucesso profissional, em segundo estabilidade financeira, em terceiro, maturidade conjugal e em quarto lugar, sentir-se preparadas emocionalmente. Em relação à autonomia das escolhas, as mulheres desta pesquisa, projetam no esposo a necessidade de consonância na escolha pela maternidade, entendendo ser uma decisão de participação do casal para evitar conflitos posteriores. Ao discorrer o assunto sobre adiamento da maternidade, dizem fazer parte do processo, pois é uma necessidade que nasceu na contemporaneidade.

Palavras-chave: Mulher. Maternidade. Escolha. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The interface between postmodern woman and motherhood is a subjective aspect of interest in psychology regarding the constructs established by the product of the interactions between biological, social and psychological dimensions. Throughout the ages civilizations suffered transformations in their social roles throughout history and highlights the woman in his appreciation of feminine design, thereby reproducing this pattern of being a mother. However, this same woman postulates new roles in social inclusion, influencing the way of becoming a mother through reflections for planning, awareness, choice of positive or negative identification, feelings, perceptions and recognition of herself. The woman reconcile between being a mother and given everyday circumstances, such as conducting a career, is to consider the implementation or postponement of motherhood. Given this, it sets the questioning of how to build the process of choosing and understanding of being or not being a mother. The objective of this research was to investigate the concepts of motherhood for women today as a result of their choice to be a mother. We attempted to scale the concepts of postmodern woman related to the meanings and the choice of being a mother, among many other social roles, with women residing in the Metropolitan Region of Vitória. This was a study of quantitative and qualitative, whose analysis was performed by means of the phenomenological method. The study involved the participation of 10 women aged 25-35 years married, childless and with complete or incomplete higher education. They went through two steps: identify a profile for research and semi-structured interview that sought to encourage the sharing of experiences and perspectives of womanhood these women. They responded on the sets of perceptions, ideas and visions brought in relation to the construction of achievement or postponement of motherhood, taking into consideration their historical-social and subjective influences on choosing to be a mother. The theoretical framework was based on the Humanistic Psychology Existential approach. Was possible through the units of meaning, plunge into the phenomenon expressed here: the choice for motherhood. The interviewees point out that being a mother is part of the wholeness of life of women as childlike dream of conquest, feel focused and the desire to experience this role of mother as a mission. In an attempt to control their lives in relation to future projects, have a romanticized, somewhat flexible and immersed in fantasy look. Put first professional success, financial stability

second, third, marital maturity and fourth, feeling emotionally prepared. Relative autonomy of the choices, the women in this study, a spouse need the design of the line choice for motherhood, understood to be a participation decision of the couple to avoid later conflicts. When talking about the subject postponement of motherhood, says part of the process because it is a necessity of contemporaneity.

Keywords: Woman. Motherhood.Choice.Contemporaneity.

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 23

27

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....

2.1 SINTESE HISTÓRICA..... 30

2.2 A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA..... 37

2.3 EMPODERAMENTO FEMININO..... 38

2.4 PAPEL SOCIAL NO SER MULHER E SUAS EXTENSÕES: MÃE, MULHER E PROFISSIONAL..... 41

2.5 PSICOLOGIA DA MATERNIDADE..... 42

2.6 A PSICOLOGIA EXISTENCIAL..... 43

2.6.1 Escolha..... 45

2.6.2 O Self..... 46

2.6.3 Ideal do eu..... 47

2.6.4 Ser-no-mundo..... 48

3 METODOLOGIA..... 51

3.1 TIPO DE PESQUISA..... 51

3.2 SUJEITOS PARTICIPANTES E LOCAL..... 52

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS..... 53

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA..... 54

3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA..... 54

3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS..... 55

4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA..... 57

4.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS..... 57

4.2 DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DOS DADOS COLETADOS..... 57

4.3 ANÁLISES DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO..... 66

4.3.1 Escolha pela maternidade..... **67**

4.3.2 Melhor momento para ser mãe..... **68**

4.3.3 Palavras significativas..... **71**

4.3.4 Sentimentos evocados pela maternidade..... **72**

4.3.5 Concepção de maternidade..... **73**

4.3.6 Hierarquia das escolhas..... **75**

4.3.7 Impasses e perspectivas..... **78**

4.3.8 Fatores contribuintes para mulher para a escolha da maternidade..... **82**

4.3.9 Condições estruturantes da função materna..... **84**

4.3.10 Autonomia de escolha..... **86**

4.3.11 Identificações maternais..... **88**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... **91**

REFERÊNCIAS..... **97**

APÊNDICE..... **107**

APÊNDICE A - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA..... 107

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO. 109

1 INTRODUÇÃO

O tema “maternidade” é antigo, porém, as questões voltadas para este assunto são amplas e se diferenciaram no decorrer dos séculos atrelado a uma série de discursos em versões e abordagens que abrangem diversos saberes, como a antropologia, psicologia, filosofia, teologia, sociologia e medicina.

O interesse se estabelece pela figura da mãe, pois perpassam todos os tempos desde os mitos da criação contados na Bíblia, sendo Eva, como metáfora das tradições religiosas, a primeira mulher da humanidade, que recebeu de Deus ordens para ser fecunda e ter muitos e muitos filhos para encher a terra (OCTAVIANO, 2003).

Ao longo dos processos da vida de uma mulher, está à escolha da maternidade, podendo ser sentida como essencial à condição feminina, para cumprir um papel social e interiorizado pela cultura ou até mesmo seguir um percurso contrário. O fato é que, em algum momento do ciclo vital da mulher, essa questão pode aparecer, sendo para concretizar, adiar ou recusar a possibilidade de ser mãe.

O tema maternidade atravessa sua vivência em algum momento de sua vida. Enfocada a questão, entende-se como é importante compreender a visão da mulher no que se refere à maternidade, através da evolução histórica, cultural e sua percepção social desse ser mãe.

Para entender a visão atual da mulher que está inserida no mercado de trabalho, sobre as modificações no modo de ser mulher, a influência em sua história de vida, as vivências do momento de transição de papéis sociais e dentre muitas funções que exercem atualmente, é necessário fazer a elaboração do Problema de Pesquisa que constituí: Como as mulheres compreendem e passam pelo processo de escolha pela maternidade nas interações do ser e o fazer em seu cotidiano?

É baseada nessa pergunta que esse trabalho se desenvolveu, pois se considera relevante abordar em uma pesquisa, as concepções das mulheres voltadas à escolha, na atualidade, pela maternidade; se há a existência desse ser mãe ou não; tendo em vista que os resultados dessa pesquisa poderão servir de embasamento para novos pesquisadores e profissionais da psicologia nas suas intervenções terapêuticas, em grupo ou individual, gerando subsídios para a ampliação dos

conhecimentos sobre a maternidade e desenvolvendo mecanismo que poderão fortalecer as subjetividades das mulheres.

Essa pesquisa teve como objetivo investigar as concepções de maternidade para as mulheres da atualidade e a relação com sua escolha em ser mãe.

Procurou identificar quais os fatores que contribuem para a escolha da maternidade, do mesmo modo foi compreendido o ser mãe diante da interface do papel social e individual como possibilidade de escolha, ainda apontou quais influências da atualidade na escolha pela maternidade e analisou o entendimento das entrevistadas em relação às articulações entre feminilidade e maternidade na atualidade.

Trata-se de um estudo quanti-qualitativo, administrados por entrevistas semiestruturadas, o qual conjecturou alcançar os significados, valores, ideais, crenças e possibilidades de escolha do sujeito.

Como técnica de análise de dados, utilizou-se o método fenomenológico, instruído por Amatuzzi (1996). Para o autor a pesquisa fenomenológica foca no estudo do significado da vivência, aquilo que emerge da fala a partir da experiência e do vivido.

Como questão central, esta pesquisa apresenta uma discussão sobre o processo de escolha da maternidade a partir da concepção de 10 (dez) mulheres casadas ou união estável e sem filhos. A interpretação dos dados desta pesquisa orientou-se por meio da visão da abordagem teórica da Psicologia Existencial.

Trazer a voz das mulheres à pesquisa permite explorar outros lugares, os da subjetividade contingente numa exigência nova capaz de compreender novos posicionamentos, produzir novos questionamentos numa perspectiva mais ampla.

O tema maternidade é absolutamente amplo e diverso na grande área das ciências humanas e sociais. Desde as primeiras pesquisas, os estudos percorrem um olhar voltado ao papel social, função a ser exercido, sentir-se completa enquanto mulher através da maternidade, construção sociocultural, instinto maternal. Portanto, na pós-contemporaneidade, o retrato se modifica e como alternativa para o determinismo pela maternidade passa a se refletir a possibilidade de escolha pela maternidade.

Considerando-se que ser mãe é fundamental diante da sociedade, significativo na vida da mulher, e quanto ao processo de escolha, estabelece estreita relação com a construção do aparato emocional para a relação mãe, filho, pai, mundo como postura reflexiva e prática.

Nessa pesquisa torna-se importante o aprofundamento da área em psicologia voltada para a mulher e sua relação com a escolha pela maternidade. Acredita-se que os resultados desse estudo possam favorecer a proposição de atendimento mais especializado e condizente com as necessidades psicológicas dessa população. Que ele possa colaborar com a reflexão no *setting* terapêutico, a serviços prestados ao atendimento a mulheres e além de contribuir com o conhecimento do profissional psicólogo e áreas afins para seu trabalho em serviços em qualquer espaço de atendimento a mulheres.

Com base no exposto nesta fase introdutória, é relevante apresentar os tópicos referentes ao tema da pesquisa. Segue-se, então, a revisão bibliográfica, expondo em síntese histórica da mulher e da maternidade; família contemporânea; o empoderamento feminino; o papel social no ser mulher e suas extensões: mãe, mulher e profissional; Psicologia da maternidade; e Psicologia Existencial. Em seguida, a metodologia, e, então a exposição do resultado e discussão da pesquisa. Por fim, apresentam-se as considerações finais, seguidas das referências e apêndices.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para a psicologia, falar sobre a maternidade como processo de escolha na atualidade é bem abrangente e crescente. Tem como importância compreender historicamente todo percurso da maternidade desde a antiguidade até os tempos atuais.

Pensando numa perspectiva histórica sobre a mulher, mãe e família, notam-se transformações como: a diversificação das funções familiares; resgate e o empoderamento feminino, que trouxe a mulher à possibilidade de escolha reflexiva; não se permite alienação de sua própria identidade; mudança no papel social no ser mulher e suas extensões enquanto esposa, profissional e mãe; subjetividade feminina manifestada.

Ao longo dos séculos houve um percurso, lugar e tempo onde à maternidade está marcada, através dos mitos, divindades, amor, dedicação, garantias, status. Seu modo de ser, pensar e se perceber enquanto mulher está determinada pela sua relação com o mundo produzindo o protagonismo da própria história. Hoje ela sujeito de escolhas, capaz de refletir sobre as possibilidades da vida, do mesmo modo sobre a maternidade (BARROS; ROCHA, 2008).

A consciência e a liberdade de escolher, assumir ou renunciar, concretizar ou adiar o projeto de maternidade são vivenciadas por múltiplas possibilidades de existir, onde o sujeito e a escolha estejam congruentes, ou seja, que esteja melhor ajustada consigo mesma.

O significado de ser mãe ou da maternidade tem passado por transformações no decorrer dos tempos, pois se trata de um fenômeno que permanece na história das civilizações, marcadas por mudanças de padrões de existência e experiências.

Chodorow, citado por Moura e Araújo (2004), relatam que por muitos anos o papel materno era somente uma experiência da função destinada à mulher, ainda que alguns estudos compreendessem que isso se deve muito mais a uma modificação sociocultural do modelo natural e instintivo o fato de gerar e amamentar uma criança.

Ultimamente, a maternidade possuem múltiplos significados e sentidos dados pelas mulheres, e são mediados por discursos sociohistóricos, que contribuem para a construção de significados do que é ser ou não ser mãe (PATIAS; BUAES, 2012).

O significado de maternidade e de mãe no dicionário, afirma que “maternidade significa estado, qualidade de ser mãe, laço que liga a mãe aos filhos, ação de pôr uma criança no mundo. Significado de Mãe: Mulher que tem um ou vários filhos: mãe de família” (FERREIRA, 1999).

Partindo de pressupostos de epistemologia feminista pós-moderna,

> [...] que enfatiza a linguagem como instrumento mediador e regulador da subjetividade, pretendeu-se analisar os processos que transformaram a maternidade num acontecimento com significado político, social e psicológico, num lugar de sujeição para as mulheres, durante séculos (FIDALGO, 2003, p.43).

Segundo Scavone (apud FARIAS, 2011), nos últimos 30 anos os processos sociais e a globalização cultural e econômica, trouxeram modificações na visão da maternidade e vêm tomando novos percursos e significados, o que contribuiu para modificar o padrão de comportamento e acelerar consumo. Isso se ilustra pelo alto nível de consumo de inovações tecnológicas reprodutivas (“contraceptivas e conceptivas”) o qual propõe às mulheres ter posse da capacidade de escolher com liberdade o seu projeto de maternidade.

Moreira e Rasera (2010), reuniram vários autores como Ariès, 1981; Badinter, 1985; Chodorow 1979; Costa, 1989; Donzelot, 1986; Rich, 1981, para concluir que os discursos são historicamente construídos a respeito dos significados de maternidade,que abrangem mudanças na economia, nas relações sociais, na figura infantil, na configuração familiar, nas normas para o cuidado. Entretanto, sofrem modificações, tornando a mulher elemento principal na família, responsabilizando-a pela criação dos filhos.

Neste sentido, Simões (2012), diz que a configuração familiar tem-se diferenciado na relação desde a estrutura familiar tradicional ao relacionamento mãe e filho. O autor observa que com a nova dinâmica familiar pode está vinculado à mulher no mercado de trabalho e ao fato de estar dividida em múltiplas tarefas, tais como: o cuidado dos filhos, do esposo, cuidar de si mesma e da casa.

Scavone (2001), estudiosa dos assuntos referentes às transformações psicossociais da família, observa que o relacionamento familiar, principalmente a maternidade na

atualidade está em fase de modificações, em busca da “equidade na responsabilidade parental”, envolvendo o pai. Entretanto este novo modelo sofre influencias das relações de gênero e para que se estabeleça precisa ser desconstruído o determinismo biológico.

Ainda convém citar sobre outras modificações da maternidade, destaca-se que desde a década de 1970, o fenômeno do “adiamento da maternidade”, possível somente após a criação métodos contraceptivos, é crescente motivado pela incerteza da escolha pela maternidade, perspectiva da ascensão profissional, financeira como também no amor romântico. Outras situações que é possível considerar a respeito da inovação tecnológica da medicina que auxiliam as mulheres a maternidade tardia (LIMA; MENDES; PASSOS, 2009).

Com isso observa-se também o aumento da incidência de gravidez planejada, o que condiz com a realidade brasileira no que se refere à Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (PNDS), realizada em 2006, constatando que 54% dos nascimentos são planejados (BRASIL, 2008).

Quanto ao planejamento da gravidez, as mulheres elaboram todo o processo compreendendo ser um período complexo, que sofrerão com modificações no âmbito familiar, emocionais e físicas refletindo em um misto de sentimentos (LIMA; MENDES; PASSOS, 2009).

Entre planejamento e realização da maternidade existe variáveis que contemplam a situação atual socioeconômica e cultural em que a mulher estiver inserida, isso faz com que seja internalizado e interpretado como um desejo a cumprir enquanto mulher (LIMA; MENDES; PASSOS 2009).

De acordo com uma pesquisa feita em 2009, evidenciou-se que as mulheres entrevistadas, que escolheram adiar a maternidade, relataram que o planejamento da gravidez se estabelece por meio de elementos necessários e circunstanciais, são eles: um bom casamento, o crescimento profissional, um bom vinculo social e nível superior completo (LIMA; MENDES; PASSOS 2009).

Pertence a mulher o direito de escolha pela maternidade, como também nas demais tomadas de decisões vinculadas ao seu corpo atribuído ao significado dos cuidados femininos à saúde e sexualidade. Desta forma a mulher potencializa sua escolha, tornando a maternidade uma experiência mais segura (VILELA, SATO, 2012).

Para função materna dispõe de leis e direitos para condições próprias para a mãe e o filho, segundo Artigo 6º assegurado pela Constituição Federal que:

“Dispõe que são direitos sociais e, portanto, dever do Estado: Art.6º a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e a infância e a assistência aos desamparados” (BRASIL, 2000).

Com a informação, globalização, crescimento econômico, mercado de trabalho oportuno, mudanças demográficas, possibilidades de desenvolvimento, trás novas perspectivas e diversidades no modo de vida na contemporaneidade. Desta forma indicam influencias sobre o comportamento e nas escolhas na vida da mulher.

Nesse contexto, o Censo 2010 confirmou que o Brasil está atravessando uma transformação demográfica:

> A taxa de fecundidade, que em 1990 era de 2,81 filhos por mulher, caiu em 2010 para 1,86, número bem abaixo da taxa de reposição populacional de 2,1. A taxa de crescimento populacional passou de 1,8%, em 1990, para apenas 0,9%, em 2010. Projeções do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sugerem que a taxa de fecundidade continuará caindo e convergirá para um nível bastante baixo (ARBACHE, 2011, p. 367).

Os indicadores estatísticos podem complementar o que segundo Rios (2012), relatou em seus estudos sobre as mudanças dos arranjos familiares e dos adventos contemporâneos, no que concerne ao melhor momento de ser mãe e quantos filhos terá. Identificou ainda, o quanto a mulher está em posse do seu próprio direito de escolha.

O processo de escolha pela maternidade tem se consolidado no desenrolar do século XX, denominado como um “fenômeno contemporâneo”, entretanto precisa ser levando em consideração as influencias socioeconômica e a subjetividade da mulher (SCAVONE, 2001).

2.1 SINTESE HISTÓRICA

Compreender a existência e a experiência materna nos tempos atuais, só é possível se considerarmos as dimensões antropológica, histórica, geográfica e social. Em cada trajetória dos séculos são manifestos fatos específicos, outros permanentes, que correspondem com uma visão e conceito de maternidade.

Na era pré-história, conhecida como Idade da Pedra, identificada pelo inicio da criatura humana e caracterizada pelo andar de pé permanente, a cópula frontal entre homem e mulher, foi facilitada, porém ainda por uma necessidade física. Iniciou então a caça, linguagem manifesta na fala, invenções com matéria prima provenientes da terra (SEIXAS, 1998).

Essa época pré-histórica foi conhecida por tributos à deusa mãe que gerou o universo sozinha. Pensavam-se o mesmo em relação às mulheres, na qual concebia os filhos, desvinculado a figura masculina, em razão de acreditarem que a gravidez ocorria por meio do contato com cosmos e ou animais (BADINTER, 1986).

O período Paleolítico é marcado pelo nomadismo. Surge a divisão do trabalho entre homem e mulher, sendo o homem direcionado para a caça e o cultivo da terra, para a mulher foi destinada a ser coletora. Ela passava a maior parte grávida e amamentando, tornando-se função dela, cuidar dos filhos e do espaço doméstico, na ausência do homem, que caçava. Nessa época matrilinear, a paternidade era desconhecida, pois ainda não existe a consciência sobre a relação entre ato sexual e reprodução (RUFFIÉ, apud TELES, 1998).

Nesse período deixa-se a caça para um modelo de criação pastoril, começam a praticar agricultura com mais persistência. Antes, o que era função da mulher, o homem passa ser o coletor e dominador e a mulher passa a ser posse, assim como os animais domésticos. A partir disso, há uma regulamentação dos vínculos familiares, pois o homem torna-se ciente do seu papel na procriação e precisa de segurança na transferência de seus bens para os herdeiros, a fim de manter sua dominação (SEIXAS, 1998).

Na época primitiva o sangue da menstruação era algo inexplicável carregando uma carga de temor, ainda não associado ao fator reprodutivo. Era visto como magia, encarado como especial (TANNAHILL, 1983 apud SEIXAS 1998).

Entrando na idade antiga, os métodos contraceptivos eram utilizados pelas egípcias, eram mecânicos (tipo primitivo de camisa de Vênus) e químicos como ervas abortivas (RUFFIÉ, apud TELES,1998).

Na história dos hebreus antigos, o casamento tinha como finalidade a procriação e a boa fertilidade. O dever da mulher era de suprir todas as necessidades da casa e

dos integrantes da família, caso contrário era rejeitada pelo marido e sociedade. (SEIXAS, 1998).

Em uma das primeiras civilizações da antiguidade, a Pérsia (atual Irã),quando a mulher estivesse pronta para procriar, seu pai seria responsável por escolher um marido, a quem lhe devesse submissão. Quando se tornava viúva, com filhos ainda pequenos, a tutela e os negócios da família ficariam sob sua autoridade. Desta forma era conhecida como mulher privilegiada (RUFFIÉ, apud TELES,1998).

Na Antiguidade Greco-Romana, as mulheres Atenienses exerciam funções de submissão ao marido, posição decorativa, não podiam expressar desejos sexuais, associava-se apenas para reprodução excluindo-a da maternidade e proibida de praticar aborto, como ato de desespero, ou fazer uso de métodos abortivos (LORAUX apud GOMEZ, 2000).

Os gregos, influenciados pela crença nos mitos, acreditavam que a humanidade nascia através da terra e não das mulheres, com isso a existência da maternidade e direito a cidadania era negado a elas (SISSA, 1993).

Com o surgimento do cristianismo, influenciado pela cultura judaica, traziam a visão da mulher enquanto relegada ao papel de serva, condicionada à geração de filhos como única possibilidade de uma existência digna (SEIXAS, apud TELES, 1999).

Segundo Reuther, citado por Teles (1977, p. 64), retrata que Aristóteles, no século IV a.C.:

> “Descobriu que as secreções femininas não contêm esperma, e, portanto, não é necessário que a mulher tenha prazer para se reproduzir. Assim, dissocia desejo de procriação. Ele constata ainda que o orgasmo feminino não se liga ao colo do útero, onde se acreditava ser o local da emissão espermática. Essas são constatações progressistas, embora destruam, ao mesmo tempo, a possibilidade do prazer recíproco no amor heterossexual. Aristóteles diz, ainda, em seu tratado A geração dos animais, que a fêmea é, por assim dizer, um macho mutilado”.

De acordo com Seixas (1998), Aristóteles dizia que as mulheres de sua época convenciam os homens que para haver fecundação era necessário o gozo. É provável que essa tentativa visasse proteger o prazer das mulheres, e gerar atenção nos homens para tal situação.

Entrando na Idade Média as mulheres são envolvidas com o trabalho, são estudadas e aculturadas, enquanto os homens estão em guerra. Neste cenário

social passou-se a nomear os filhos a partir do nome da família da mulher (RUFFIÉ, apud TELES, 1998).

Ariès (1981), afirma que com as transformações da família medieval, a caminho da modernidade, as crianças permaneciam com seus vínculos familiares até os 7 e 10 anos, pois, após essa idade, eram entregues a outras famílias para passar por um período de aprendizagem para a vida adulta. Desta forma passou a ser valorizado o vinculo familiar e a infância, transmitindo à criança bons hábitos, a escolarização e a herança dos bens dos pais.

Não se pode deixar de fora as sociedades rurais, onde a fecundidade das mulheres era associada à terra. Os filhos eram gerados para garantir as necessidades da família, para o cuidado da agricultura, velhice e doença, em prol dos pais. (KNIBIELHER, 1977).

Finalizando, na Idade Média, os valores familiares foram se deslocando do paternalismo que representava autoridade, para o afeto e cuidados maternos, pois com o inicio da esfera burguesa/econômica fez-se necessário cuidar da sobrevivência das crianças e semelhantemente a valorização da mulher que se doa integralmente a sua casa (SEIXAS, apud TELES, 1999).

> Após 1760, inúmeras publicações passaram a exaltar o “amor materno” como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e à sociedade, incentivando a mulher a assumir diretamente os cuidados com a prole. Dessa forma, em defesa da criança dois diferentes discursos confluíram para modificar a atitude da mulher perante os filhos: um discurso econômico, apoiado em estudos demográficos, que demonstrava a importância do numerário populacional para um país e alertava quanto aos perigos (e prejuízos) decorrentes de um suposto declínio populacional em toda a Europa e uma nova filosofia – o liberalismo – que se aliava ao discurso econômico, favorecendo ideais de liberdade, igualdade e felicidade individual (BADINTER, 1985 apud MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 46).

Porto (2011), Del Priori (1995), concordam que existem uma ligação entre a maternidade e a identidade da mulher, onde a mesma se destacava na gravidez, criação dos filhos, tornando-a responsável pelo lar e submissa ao seu marido.

> Neste contexto, os três modelos de papéis sociais desempenhados pelas mulheres eram os de mãe, esposa e prostituta sendo o último associado à transgressão da ordem social. Estes três papéis, originados na forma como eram percebidos e utilizados os órgãos sexuais, ordenavam o comportamento feminino, prescrevendo as normas da sexualidade. A rigidez com que demarcavam as formas de vivenciar a sexualidade estabelece um abismo social entre as mulheres “honestas” e “desonestas”. O adestramento da mulher não era circunscrito ao plano das ideias, mas se evidenciava em seu comportamento, corpo e em suas emoções. Os papéis sobre os quais foi construída a identidade feminina reforçavam-se

> mutuamente na construção do mito da maternidade(DEL PRIORI apud PORTO, 2011, p. 61).

Foi na Idade Moderna que novos cenários caracterizada após a Revolução Francesa, onde a mulher era racional e responsável o suficiente como para poder ser, a peça fundamental da construção dos valores dos filhos, exercendo o papel de mãe socialmente aceitável (GOMEZ, 2000).

A mulher inserida na sociedade em crescimento, no contexto socioeconômico, passou por um processo de transição, da fase de apenas gerar muitos filhos, para um cenário onde se tem menos filhos através de um planejamento familiar. Mas como conseqüência dessa mudança, a mulher passa a desenvolver várias funções, no qual trabalha dentro e fora de casa, sofrendo desigualdade de gênero (SCAVONE, 2001).

Em diferentes fases da sociedade, nota-se o poder de decisão sobre a natalidade, que se passou a adotar métodos de controle contraceptivos para evitar a gravidez. Isso possibilitou a mulher moderna escolher entre a maternidade ou não (SCAVONE, 2001).

Caso a resolução do dilema tendesse pela não maternidade, a esterilização tornou-se o melhor recurso para as mulheres (SCAVONE, 2001).

A possibilidade de escolha está ligada há vários fatores estruturantes do próprio sujeito da sociedade. Podem ser eles: o anseio pela reprodução da espécie, significado de continuidade, modelo de família, determinante na vida de uma mulher e valorizado socialmente, dentre múltiplas possibilidades (SCAVONE, 2001).

Desde o século XVIII o conceito maternidade influenciou o surgimento do amor romântico, as modificações dos laços familiares – quando controle da criação dos filhos incidiu sobre as mulheres, deslocando assim “autoridade patriarcal para a afeição maternal” (RYAN 1981, apud, GIDDENS, 1993, p.53).

Na Contemporaneidade, modificações visíveis das funções e espaços estão abertas para igualdade, conseqüência das conquistas do espaço privado e público, pois ambos se coexistem. Hoje elas circulam por espaços antes destinados para os homens e alcançam novos modos de subjetivação feminina (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; FONSECA, 2005).

Não há um meio de pensar na maternidade sem passar pela mulher e seu lugar na sociedade, sua inserção no mundo antes exclusivo masculino, antes visto com recriminação, atuam na educação, política, participação econômica, ou seja, envolvida ativamente socialmente.

De acordo com Novelino (1988), em sua pesquisa da década de 80 para os anos 90, aborda a respeito da maternidade um perfil idealizado, evidenciando que cada época segue um modelo. O autor relata que os atributos ainda reforçados socialmente, referem-se ao lugar destinado à mulher, que ainda continua sendo a família, pois é o único lugar que sentirá a realização pessoal. A mulher não se define apenas pela maternidade, mesmo sendo uma questão de livre escolha, compreendida de que, não é o único modo de ser mulher.

Confirma Simone de Beauvoir (1960) citado por Chodorow (1979), questiona que a mulher não nasce com o "*instinto materno"*, como se ela estivesse pré-determinada para o seu futuro papel de mãe, portanto este conceito é pouco discutido. Essa questão vem sendo questionada, que a maternidade não está sendo ideal de realização de todas as mulheres, onde articula o paradigma da natureza humana e leva em consideração que a maternidade é uma construção social, que se estabelece pela relação com o outro, nas experiências e vivências ao longo dos processos de vida, que então promoverá o momento de decisão. Não é inato da mulher e nem havendo uma conduta materna para ser e fazer mãe.

Segundo Beauvoir (1980, p.9). "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". A autora faz essa análise embasada na evolução sociohistórica, no qual reflete sobre a vida da mulher, de igual modo para a maternidade.

> Simone de Beauvoir, filósofa existencialista, afirma que a "existência precede a essência" e, portanto, não há como existir a priori um "instinto materno". O que há é uma opressão histórica que leva as mulheres a abrirem mão de seus próprios destinos para cuidarem de um outro.Nisto, a realização das mulheres fica atrelada à de seus filhos homens e às filhas mulheres cabe o seu destino reproduzido. Este paradigma da natureza humana leva a alguns preconceitos que devem ser derrubados, segundo Simone de Beauvoir: o primeiro é que "não é verdade que a maternidade seja o ideal de todas as mulheres" e outro que "não é verdade que todas as crianças estejam seguras com suas mães" (CAMARGO, 2013, p.181).

Mesmo com esta nova concepção de mãe, outros autores complementam que a maternidade é essencial e estruturante para a sociedade, no qual essa função ainda é vista como característica vinculada à mulher, no entanto a figura do homem, o pai, é inserida como responsabilidade compartilhada (SÜSSMUTCH, 1988).

Com a inserção do homem na responsabilidade do lar e dos filhos, o que distingue o seu papel das décadas passadas, marcou a transformação das relações sociais e familiares (SCAVONE, 2001).

Moura e Araújo (2004), fizeram uma pesquisa em que restringiu aos casais, que eram pais pela primeira vez. Identificou um novo modelo, que intitulou por “casal grávido” de lidar com a gravidez, onde o pai acompanha e soma junto com a mãe todo o processo desde a gestação a criação dos filhos.

As mesmas autoras apontam ainda que:

> Na década de 80, as representações de maternidade/paternidade deixam de ser percebidas como auto evidentes e passam a ser vistas como situações sujeitas à elaboração e discussão pelo casal. Esse processo exige forte investimento emocional do homem e da mulher, que devem buscar uma “nova maternidade” e uma “nova paternidade” correspondente.“sentimento moderno de maternidade”.Na referida construção, a valorização do compromisso emocional do casal com a criança intensifica-se, iniciando-se já na gravidez. A participação do pai no parto e nos cuidados com o bebê surge como elemento fundamental dessa experiência. Quanto à mulher, valoriza-se a dedicação total à criança, dispensando-se o auxílio de enfermeiras, babás ou mesmo da família. O casal, portanto, deve assumir todos os cuidados com o bebê, desde o início (MOURA; ARAÚJO, 2004, p. 50).

A família contemporânea, no contexto do Brasil, tem vivenciado o “paradigma alternativo” denominado por Moura e Araújo (2004), que significa os novos acordos e modos sociais de se comportar, desta forma acelera os modelos na relação de maternidade e paternidade. A família evoluiu em suas funções pré-definidas socialmente através das mudanças em relação ao gênero e a estruturação familiar tradicional.

Na década de 2000, os gráficos demográficos brasileiros, conforme a Pesquisa Nacional por amostragem de Domicílios - PNAD (2007) revelam a queda dos indicadores da natalidade, em paralelo aumentou da escolarização das mulheres, e refletiu na entrada da mulher no mercado de trabalho, aumentou também a expectativa de vida modificando assim as configurações familiares. É possível parcialmente destacar os reflexos, sendo eles- a diminuição no número de filhos e aumento de casais sem filho relacionado a novas posições sociais ocupadas por mulheres, chamadas de chefe de família.

Considerando o nível socioeconômico, a mulher pós-moderna, não compreende sua existência apenas vinculada a maternidade, está para além, conquistando outras

possibilidades de existência, principalmente visando seus objetivos pessoais (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

Deste modo, os aspectos da contemporaneidade resistiram às influencias sociohistóricas, onde produziu conceitos e valores para a mulher e a maternidade. Aquilo que era culturalmente função e dever da mulher, hoje ela possui espaço e controle sobre suas próprias escolhas fora e dentro do lar, em razão de definir sua identidade enquanto mulher que modificou seu cotidiano (PATIAS; BUAES, 2012).

2.2 A FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA

A família é um laço que permanece em toda a vida da pessoa. Para esta é transmitida valores, conceitos, afeto e ideologias. A família avançou em novos constructos sociais, econômicos e morais (COSTA, 2005).

> O conceito tradicional de família refere-se à unidade social de pessoas com casamento, nascimento ou adoções que residem juntas em relações sancionadas, com cooperação. Definir família como conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação dos membros da mesma, através de padrões transacionais. No interior da família, os membros dela podem constituir subsistemas, formados numa geração, sexo, interesse, função, níveis de poder, comportamentos. Ela como unidade social desenvolve tarefas sobre níveis de parâmetros culturais (MINUCHIN, 1990, p.40).

Rios e Gomes (2009, p. 216) compreenderam que o Doherty (1992) identificou que a família contemporânea está modificada e distanciada de modelos mais antigos e tradicionais. Identificou que essa transformação teve influencias dos aspectos sociais, culturais e econômicos, partindo para transição de comportamentos e modo de vida. O Autor distingue três modelos de família:

> [...] a tradicional, caracterizada pela produção econômica conjunta, autoridade paterna, casamento com ênfase em seus aspectos funcionais e conexões com a comunidade e com os parentes; a família moderna ou psicológica, atravessada por valores mais individualistas, caracterizada pela mobilidade, por ser mais nuclear, menos ligada à comunidade, mais igualitária e centrada nos sentimentos e na afeição; e a família pluralística, que diz respeito à aceitação e à convivência de várias formas de arranjos não tradicionais.

Com as novas configurações familiares trás múltiplas possibilidades, atualmente têm crescido outra forma de constituir uma família, através da inseminação artificial e a adoção. As modificações familiares têm levado a gerar leis para contribuir com os novos modos de família (CARNEIRO, 2003).

Os avanços dos estudos sociais querem identificar de como a família tem tomado uma proporção de modificação e estruturas anteriormente não aceitáveis. A família contemporânea é configurada pela: família mosaica, ela é formada quando uma pessoa casa novamente (ex.: quando se separou, viuvez, nascimento de filhos do novo casamento); outra família homo afetiva (ex.: casais homossexuais); outra família mono parental (ex.: mulheres chefe de família, sem a presença do pai); outra é a família adotiva (ex.: adoção de crianças sem laços consangüíneo (PASSOS, 2002).

Para a sociedade, a família é o que há de mais estruturante e necessária na vida da criança, do pai, mãe, avô, enfim, todos que compõe o contexto familiar. Ela é imprescindível na criação do ser humano e muito valorizada socialmente. A família mudou, porém, tudo que há de afetivo, desenvolver habilidades, personalidade é responsabilidade da família, sendo ela a essência para o indivíduo (WAGNER, 2002).

Outra configuração que tem crescido nos últimos tempos são os casais que escolhem não ter filhos, por opção conjunta, onde os indivíduos priorizam sua individualidade. Além dessas, vemos também é a moradia unipessoal, determinada por a aquela pessoa que opta por viver em um espaço físico individual, onde não precisa necessariamente, morar com a família para realizar suas trocas emocionais (CARNEIRO, 2003).

2.3 EMPODERAMENTOFEMININO

Conforme o que foi abordado nos tópicos anteriores, vimos um breve percurso histórico pelas civilizações, cujo cada época está marcada por uma trajetória sócio histórica, pois antes de ser mãe, a mulher é resulta através da história, personalidade, identidade, perdas, conquistas, autenticidade de sua feminilidade e consciente do seu projeto de vida.

No passado o perfil feminino, determinado pelos homens, atravessou por significativa desigualdade. O homem, para o espaço público, valorizado em seu lugar de poder, e a mulher, valorizada em seu espaço privado, prioritariamente ao lar, não podendo se misturar com os homens, permanecendo apenas o papel de

exercer o cuidado dos filhos, o esposo e da casa, ou seja, sua única alternativa era a maternidade e o casamento (COLLING, 1997).

> [...] A inserção das mulheres no mercado de trabalho, sua presença no mundo público e os impactos que estes fatos trouxeram à instituição familiar e, em consequência, à experiência da maternidade, são marcantes: o pano de fundo desta discussão ressalta que a questão da maternidade em todos seus aspectos sempre esteve presente na luta libertária das mulheres e, portanto, foi objeto constante da reflexão teórica feminista. É com base nestes elementos que construímos nossa reflexão sobre a maternidade(SCAVONE, 200, p. 48).

Mesmo com muitos avanços advindos da luta feminista, as mulheres ainda tem enfrentado a desigualdade de gênero, existem muitas conquistas necessárias para que se efetivem as políticas públicas voltadas para a mulher no mercado de trabalho, como também em outros papeis que ela exerce, e principalmente desvincular as possibilidades de controle sobre elas reproduzidas pelos modelos machistas que atingem o campo social (SEGATTO, 2000).

As conquistas feministas dos últimos cem anos permitiram à mulher a liberdade que, como já apontava Engels (1981), advém da autonomia econômica. Porém, poucos contribuíram para a efetiva mudança nas inter-relações entre os sexos. A consciência reflexiva da própria individualidade, proveniente da emancipação econômica, se dilui ao ser transposta para o plano das relações pessoais, já que estas manifestam dificuldade de perceberem-se a si mesmas como um segmento.

De acordo com Grossi (1998 apud NUERNBERG, 2005, p.50):

> [...] os movimentos feministas surgiram a partir da crítica à subordinação das mulheres à hegemonia masculina no trabalho e na família, entre outros fatores. Denunciando a invisibilidade da mulher nesses contextos sociais, estes movimentos se constituíram no esforço de ampliação da participação da mulher nos diversos espaços sociais e políticos.

Como marco histórico do movimento feminista a mulher se despertou com identificação do seu lugar, voz e empoderamento amplificando as possibilidades de escolha e dentre essas escolhas surgem novas concepções de maternidade e feminilidade.

O posicionamento feminista trouxe o despertamento e uma nova construção para a subjetividade feminina. A luta feminista focou em políticas públicas para a maternidade, liberdade de escolha e vivenciar a subjetividade feminina livremente (SCAVONE, 2004, apud, REVUE 1970).

> Os estudos feministas de então privilegiaram a maternidade para explicar a situação de desigualdade das mulheres em relação aos homens. Por parte

> das correntes teóricas radicais,considerava-se a maternidade como o eixo central da “opressão das mulheres”, já que sua realização determinava o lugar das mulheres na família e sociedade. Portanto, a recusa consciente da maternidade foi o caminho proposto por esse feminismo para alcançar a liberdade. Esta recusa consistia em uma tentativa de negar o fatalismo biológico feminino da maternidade, romper com o determinismo dado pela natureza, já que ele era um argumento forte para justificar as desigualdades entre os sexos (SCAVONE, 2011, p. 53).

A relação entre feminismo e maternidade vem sendo construída de forma problemática desde o começo do século XX. O feminismo dos finais do século XIX e início do XX, ou seja, da primeira onda, era fundamentalmente maternalista, o que significava uma valorização da mulher enquanto mãe. Já nas décadas de 1960 e 1970, este luta se dividiu em relação à maternidade, representando a segunda fase de opressão feminina (MARTINS, 2007).

Para as feministas era muito importante defender e questionar tudo que envolve a mulher, seus papeis e conceitos considerados pela sociedade como função dela. Historicamente as feministas da Europa e dos Estados Unidos trouxeram discussões, ainda não questionada, principalmente na escolha da maternidade. Muitas delas renunciaram a maternidade (FLEING, 2009).

Beauvoir afirma sobre a maternidade:

> “Gravidez e maternidade são vividas de maneira muito diferente, segundo se desenvolvam na revolta, na resignação, na satisfação, no entusiasmo. É preciso considerar que as decisões e os sentimentos confessados da jovem mãe nem sempre correspondem a seus desejos profundos. [...] vêem-se igualmente desnorteadas pelas contradições e os conflitos que nelas ocorrem” (BEAUVOIR, 1980, p. 258).

Num percurso histórico-socio-cultural a mulher alcançou seu espaço e tornou-se envolvida em todos os âmbitos conscientizada de suas leis, direitos e discurso voltado para si, para suas escolhas, visibilidade feminina e conquistas. Não mais se alienar de seu poder e identidade.

No Brasil, observa-se um grande percentual de mulheres em diferentes profissões, principalmente em cargos que eram antes tipicamente masculinos. Na sociedade atual a mulher deve assumir a seu lugar e exigir os seus direitos como cidadã participativa e atuante, sem partir para a competição e ou diminuir a função do homem (SULLEROT, 1978).

Ao longo da história a mulher tem conseguido grandes conquistas dentro da sociedade, tem passado por momentos críticos em seu cotidiano, sofreu com as

relações de poder que por muito as sufocaram. Suas conquistas surgem na necessidade de firma-se como mulher e cidadã (GÊNERO E FEMINISMO, 2004).

2.4 PAPEL SOCIAL NO SER MULHER E SUAS EXTENSÕES: MÃE, MULHER E PROFISSIONAL

Atualmente a mulher tem vivenciado muitos papeis sociais, dentre eles, no lar, na maternidade e no trabalho. Conciliar dedicação e tempo a casa, aos filhos, marido e a carreira profissional tem representado uma mulher definindo sua subjetividade e identidade social (SCAVONE, 2001).

A partir da década de 1950, a revolução tecnológica tornou a educação universitária e a formação especializada cada vez mais essencial. A revolução sexual colocou mais mulheres no mercado de trabalho e ampliou os papéis sociais aceitos (SCAVONE, 2004).

A maternidade alcançou novos modelos, no decorrer dos tempos em relação ao antigo modelo da mulher domestica (privado). Esses novos modelos se referem às configurações construídas socialmente, onde um as mulheres se dividem em muitas tarefas e seus próprios filhos passam a maior parte do tempo nas creches, casa de parentes, enfim distante, para ela suprir financeiramente o lar. A essas mulheres especificamente, sofrem pressões por serem questionadas pelo seu desejo de ser mãe (SCOVONE 2001).

Esse modo faz com que as mulheres, que ainda não são mães, se questionam sobre o dilema entre a maternidade e o trabalho. Esse dilema ainda está muito presente, pois sobre ela recai a maior parte da responsabilidade sobre os filhos. Pela realização da carreira profissional, muitas mulheres não preferem a maternidade. A autora, Lucila Scavone, diz que com o “rompimento com o determinismo biológico” a mulher se vê potencialmente na escolha de não ser mãe, não necessariamente seguir o é dito socialmente e biologicamente:

> Este rompimento levou à separação definitiva da sexualidade com a reprodução, primeiro pela contracepção medicalizada, em seguida pelas tecnologias conceptivas, desconstruindo a equação mulher é igual mãe, e construindo outra equação mais complexa, na qual entram em cena com maior vigor a classe médica e as tecnologias (SCAVONE 2001, p. 51).

A mulher contemporânea não se limita apenas aos vínculos caseiros (marido, filhos, parentes) elas se envolvem em outros tipos de ambientes, no qual a favorece um espaço de valorização (CRUZ, 1999).

Pesquisas mostram o quanto à mulher está atraída e comprometida em muitas outras funções para além do seu lar, como por exemplo, no Brasil, pesquisas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) revela que a mulher mudou e passou por uma renovação de identidade que a evidenciou socialmente(PATIAS; BUAES, 2012).

2.5 PSICOLOGIA DA MATERNIDADE

A subjetividade, como objeto de estudo da psicologia, se permite e oportuniza caminhar por muitos temas, acontecimentos, fenômenos, questionamentos, impactos, descobertas, vivências, enfim, seu objeto de curiosidade é o indivíduo e suas extensões psicológicas, biológicas, socioculturais. A maternidade é um campo de atuação, lugar nas pesquisas, acolhimento na clínica e bem presente no universo da psicologia.

A Psicologia da Maternidade busca compreender os aspectos sociais, psicológicos e biológicos que sobrevém na vida da mulher, para estimular reflexão e de intervir integrando outras ciências, transdisciplinar (LEAL, 1992).

A concepção de maternidade se modificou ao longo do tempo, a psicologia, portanto precisa acompanhar todo esse acontecimento e as trajetórias socioculturais. A psicologia precisa valorizar e elaborar a produção de estudos a respeito da maternidade (LEAL, 1992).

Um acontecimento muito freqüente atualmente são as mulheres que escolhem ser mães aproximadamente após os 35 anos, onde deram prioridades a carreiras profissionais e realizações pessoais, como o casamento. Entretanto enfrentam os reflexos do corpo amadurecido. Contudo elas planejam, elaboram um projeto para eliminar os riscos (LEAL, 1992).

Existem também todas as situações que, sem nenhum diagnóstico preciso, psicológico ou somático implicam em um comprometimento da gravidez: estão neste

caso os abortos recorrentes, as más-formações fetais, as mortes perinatais e também as infertilidades (LEAL, 1992).

Pesquisadores revelam que a taxa de fertilidade ascendente passou para taxa de fertilidade negativa em cinqüenta anos. Há mais mulheres a ter menos filhos e o ter filhos cada vez mais um projeto de vida, dispendioso a todos os níveis, e do qual não se pode desistir nunca. E são múltiplas as situações que comprometem um projeto de maternidade. “Em primeiro lugar, a própria inexistência desse projeto” (LEAL, 1992).

Para muitas mulheres a idealização da melhor idade da maternidade seria após os 35 anos de idade, conhecida como gravidez tardia, termo definido pelo Conselho da Federação Internacional de Ginecologia e Obstetrícia, e que tem se tornado um fenômeno mundial (RIOS; LIMA, 2004).

> A Psicologia da Maternidade é um enorme espaço de intervenção que nos obriga a repensar os saberes e as práticas. É também um espaço muito jovem com os mesmos riscos de todas as imaturidades: transposição pura e simples de práticas sem referenciar cuidadosamente os contextos, interfaces com discursos poderosos, riscos de superficialidades pelo encontro com uma realidade tão ampla e multifacetada (LEAL, 1992, p.231).

2.6 A PSICOLOGIA EXISTENCIAL

Existe uma conquista distante do determinismo, que é a possibilidade de escolha, sendo ela essencial para vida, pois a cada passo é necessária uma escolha a ser feita. Cada indivíduo possui sua subjetividade, constituída e construída no decorrer da vida, e que difere do outro, das vivências das escolhas, únicas, o que e assim legitima a liberdade do indivíduo ao escolher-se.

Liberdade e escolhas são a base central do Existencialismo onde o indivíduo é responsável por aquilo que escolhe, ou seja, ele é o autor de sua própria história não podendo escapar disso. Está comprometido com a liberdade e embora que nenhuma possibilidade de escolha se realize sem angústia, ela é o próprio movimento do existir.

Jean Paul Sartre é um filósofo em destaque para o Existencialismo, influenciado por filósofos existencialistas Heidegger, Jaspers, Kierkegaard, dentre outros. Eles estruturam a filosofia relacionada à liberdade, responsabilidade, escolha, angustia, pois estão associadas à existência do homem.

Alcançar uma escolha madura e adequada para vivenciar a maternidade, é bem anterior à gravidez. Muitas mulheres sentem a necessidade existencial de ter um filho, o que perpassa pela realização pessoal.

> Através da teoria existencial pode-se compreender que o indivíduo tem a necessidade de se projetar para fora de si mesmo para poder encontrar seu próprio significado. À proporção que procura realizar seu projeto de vida,busca a superação de si mesmo, percurso este em que, dentro de sua dimensão histórica, econômica, social, cultural e axiológica e diante do leque de possibilidades que se apresentam no cotidiano, o ser humano se vê obrigado a realizar. As escolhas, autênticas em linha de coerência consigo mesmo, ou não, são frutos da sua liberdade e responsabilidade (ERTHAL, 2004 p. 52).

Na ótica da Psicologia Existencial, em torno da angústia e da ansiedade que antecede ao mosaico de possíveis modos de ser-no-mundo-com-os-outros, a pessoa humana se defronta com duas alternativas: A possibilidade de efetuar escolhas mediante a tomada de decisões inautênticas ou autênticas, que o levará ou não a atos geradores de crescimento, ao se constituir como fonte de amadurecimento pessoal, desenvolvimento de suas potencialidades dormentes e, por conseguinte, auto realização (TEIXEIRA, 2006).

A coerência interna do mundo individual, verdadeiro fio condutor entre a experiência do passado, o presente (aqui-agora) e futuro (vir-a-ser), o projeto de vida e/ou existencial, se concretiza por intermédio das escolhas realizadas ao longo da existência do indivíduo (não se trata, pois, de um processo estático, mas de uma construção durante toda a sua caminhada), que aparece em todas as suas realizações significativas no plano tanto dos sentimentos quanto das realizações pessoais e profissionais (TEIXEIRA, 2006).

Ao se projetar para o futuro, o ser-no-mundo-com-os-outros estabelece planos de ação que darão forma e sentido à sua existência, ao traçar estratégias para alcançar objetivos e metas, associadas, de preferência, à clareza do foco e da direção a seguir, cultivando a disciplina e a constância, a criatividade para superar os obstáculo se a flexibilidade para se adaptar às mudanças e nuances do caminho, marcado pela freqüente abertura ao autodescobrimento, à proporção que cresce a plêiade de conhecimentos do ser acerca de si mesmo e as escolhas e estratégias se tornam mais saudáveis e autênticas, contribuindo, de forma significativa, para o lento e complexo processo de despertamento, desenvolvimento e amadurecimento psicológicos de todas as adormecidas potencialidades latentes que conduz à auto realização (BARDUCHI, 2009).

O projeto de vida, em síntese, traduz as possibilidades de concretudes dentro do existir humano em sociedade, o que vai permitir ao sujeito a realização de escolhas pertinentes às várias esferas em que atua (tais como a familiar, a profissional, a social, a religiosa e a educacional) durante a sua vida, período em que será instado a executar tal projeto não apenas de maneira autêntica, planejada e realista como também de modo adaptável à dinâmica pessoal e social, flexível ante as transformações de âmbito individual e coletivo (FROTA, 2010).

Diante dessas contribuições sobre o assunto da Teoria Existencial irá favorecer a discussão dos dados dessa pesquisa para atingir o objetivo de compreender o processo de escolha da maternidade de mulheres na atualidade.

A mulher protagonista de sua história busca entender que ser mãe e profissional participa do processo de sua vida. Expõe sua existência para se inserir e estar no mundo como um ser de possibilidades que é sempre um devir, a partir da relação do ser-com os processos sociais e constructos por ela estabelecidos. O fato de obter contato com sua existência juntamente com sua interpretação de mundo, trás novos significados na sua relação com o mundo. Desta forma ela se permite a vivenciar possibilidades de estabelecer vínculos dentro e fora do lar (BARROS; RAMOS 2008).

A abordagem existencial trata de alguns conceitos e princípios básicos para sua sustentação como abordagem filosófica e psicológica. São muitos e aqui cabe citar sobre a escolha, ser-no-mundo, self, ideal do eu, processo de integração, liberdade, responsabilidade.

2.6.1 Escolhas

Existe uma frase clássica da abordagem da filosofia existencial de que “existência precede à essência” significa que o ser humano precisa escolher a todo instante, só assim ele existe. Existir é escolhe, caracterizada por uma reação ao campo social, em movimento de autocriação. A escolha será sempre influenciada, conscientemente, pela necessidade de cada um (ERTHAL, 2004).

A escolha constitui uma das noções mais importantes do existencialismo, pois ela se dá como essencial da existência humana. No entanto a angústia não deixa de

existir. Cada escolha é um risco pela própria incerteza. Existir é escolher. A escolha é necessária e livre: para ser e existir precisa escolher (ERTHAL, 2004).

A escolha e liberdade estão intensamente ligadas, não havendo uma sem a outra. Ser livre significa ser responsável pelas próprias escolhas, e, principalmente, pela escolha de Ser. Escolher é, realmente, a essência da liberdade. O sujeito é responsável por aquilo que escolhe. As possibilidades (dasein) de escolha geram angustia, diante da eleição de apenas uma perante dada situação (TELES, 1994).

Na abordagem existencial o indivíduo é livre, porém de acordo com suas possibilidades. Não se pode fugir da liberdade, pois a responsabilidade de escolha está agregada. Pela liberdade, a pessoa escolhe aquilo que quer ser e, assim realiza sua essência. O fato não é de fazer escolha por fazer, trata-se de uma escolha responsável, sendo esta a essência da liberdade (HEIDEGGER,1976).

2.6.2 O *Self*

O *self* é uma entidade bio-psico-social, ou seja, o eu faz parte dessa unidade psicológica total. O *Self* possui dois significados o eu-processo que designa em processos psicológicos como pensar, sentir, agir. O outro é o eu-atributo refere-se às atitudes, sentimentos da pessoa por si mesma. Ambos pertencem à pessoa, onde ela percebe a sua realidade e é essa percepção que determinará a sua conduta (ERTHAL, 2004).

Esse conceito é importante, pois ao se relacionar com o comportamento e as experiências, pois é forma em que o ser-no-mundo interage, é possível compreender como se dá esse processo. O desenvolvimento do *self* se dá pela relação que a pessoa estabelece com mundo, e através dessa relação que possibilita a formação de identidade envolvendo-se no projeto existencial (ERTHAL, 2004).

O projeto existencial através das experiências ao longo do ciclo da vida, ele influenciará no ser-para-o-outro ou nas escolhas do ser-para-si. Com as experiências valoradas ao longo da vida, principalmente marcada na infância, a pessoa cria um projeto original e desta forma realiza todas as suas escolhas de acordo com o significado em que deu a sua experiência (ERTHAL, 2004).

2.6.3 Ideal do eu

O bom conceito de si mesmo é fundamental para o desenvolvimento saudável de uma pessoa. Os adjetivos que qualifica a pessoa alimenta o sentimento de auto estima, essa é a parte afetiva do *Self.* A autoestima diz respeito daquilo que a pessoa consegue fazer de melhor e é valorizada por seus feitos (ERTHAL, 2004).

O autodescontentamento é a reposta de que o funcionamento não está eficaz, quando a pessoa não se realiza. Quando o indivíduo desenvolve conceitos negativos sobre si mesmo, ele desencadeia ansiedade, sente-se desvalorizado indicando uma depressão a ponto do fracasso (ERTHAL, 1999).

Diante do fracasso ou na tentativa de evitá-lo, a pessoa passa a criar uma imagem ideal para compensar as idéias negativas. “A imagem, portanto, tem dois aspectos: a maneira como o indivíduo encara suas capacidades, *status*, papéis sociais atuais (Self-percebido ou real), e o que ele gostaria de ser, isto é, suas aspirações” (HORNEY, apud ERTHAL, 2004, p. 39).

O ideal do eu se configura pelo que o indivíduo é e deseja ser. Em contato com o campo social, ele compreende tudo ao seu respeito (estima, valor, habilidades), advindas do convívio e dos significados pertinentes aquilo que é positivo quanto negativo (ERTHAL, 2004).

A cultura influencia o eu-ideal, a pessoa aprende com seus pais a definir o mundo, em função de sua cultura. Os comportamentos e escolhas desejáveis ou indesejáveis perpassam pela conduta da cultura, avaliando aquilo que deve ser culturalmente plausível. Assim os valores e os tabus vão fazendo parte da realidade do indivíduo (ERTHAL, 2004).

Quando a pessoa coloca muita expectativa sobre o eu-ideal, ela não percebe o sentido verdadeiro da vida. Sempre projeta alguém perfeito e, desta forma, se distancia do eu-real. Quando passa a perceber o fracasso do projeto vê quão realista precisa ser e convivi com as possibilidades ao seu alcance. Quando o projeto é aceito de forma realista, a pessoa não sofre ansiosa, nem se sente fracassado, caso contrário, o projeto idealizado torna-se prejudicial (ERTHAL, 2004).

O eu-ideal não é de todo ruim, pois é motivado quando passa pela avaliação do eu-real. Grande parte das mudanças acontece pela motivação da avaliação e

comparação entre eu-ideal e o eu-real. Porém é preciso ter atenção àquelas pessoas que desenvolvem comportamentos neuróticos, que lidam com o mundo de forma irreal, vivendo em função de ideias inatingíveis. A mudança gera maturidade, entretanto gera ameaça ao indivíduo, pois conduzirá a independência, aumento da responsabilidade e autonomia (ERTHAL, 2004).

> O *self* seleciona apenas as percepções que concordam com o sistema de valores adotados. O organismo reage de acordo com o que considera verdade a seu próprio respeito. Pode evitar que as experiências não coerentes com a autoestima não se tornem conscientizadas (consciência reflexiva). O *self*, negando a experiência a essa consciência, faz com que o projeto se torne menos congruente com a realidade; e, como resultado, precisa de mais defesas para manter o projeto falso, intitulando o comportamento de má-fé. Quanto mais ameaças houver mais rígida se torna a estrutura pessoal do *self* (ERTHAL, p. 81, 2004).

2.6.4 Ser-no-mundo

O ser humano é um ser-no-mundo. Ser- no- mundo é a relação a algo ou a alguém, e assim que acontecem as vivências. E a vivência por sua vez é o que une o ser humano com o mundo e tudo a sua volta (FORGHIERI, 2007).

Para Forghieri (2007, p.129), existem três aspectos que ocorrem no contato entre o ser humano e o mundo: “o circundante que abrange a natureza, o humano que é constituído dos seres humanos, e o próprio que é a relação da pessoa consigo mesma”.

O ser humano é um ser–no-mundo, este é uma estrutura de realização. “O homem está sempre superando os limites entre o dentro e o fora (HEIDEGGER, apud FORGHIERI 2007, p.20)”.

> Por ter que ser-no-mundo, o indivíduo se vê “condenado” a cuidar-se, por ser o ser das possibilidades, o dasein (condição de ser do indivíduo que possui inúmeras possibilidades) escolhe, mas não há caminhos certos, existem diferentes caminhos à serem escolhidos. E esses caminhos são “construídos” pelo próprio sujeito em seu caminhar (CAMON, 2002, p.26).

Diante do leque de possibilidades, torna-se a vivência humana ao mesmo tempo libertador e angustiante (HEIDEGGER, apud, CAMON, 2002).

Heidegger, citado por Camon (2002), compreender que o indivíduo almeja o futuro fixado naquilo pode vir a ser, como também ao que não pode vir. Entretanto ele se importa muito mais com aquilo que está distante do seu alcance, desta forma, faz com que se torne integrante ao seu existir e sua história.

Enfim, o homem passa a existir em relação a sua condição de ser-no-mundo. Ser-no-mundo faz com que o homem seja único que constrói seu ambiente de vida. Para Heidegger, por meio da relação com o mundo que então o ser se estabelece. O ser e o eu não se dá sem o mundo (CAMON, 2002).

A partir destes conceitos referentes à teoria Existencial, compreende-se que a articulação com a escolha da maternidade na contemporaneidade torna-se relevante para o desenvolvimento da pesquisa. Sendo necessário, portanto, que a mulher seja percebida como o ser que é, capaz de criar e desenhar seu projeto de vida com enredo na sua própria existência, partindo de sua condição de ser, um ser capaz de se perceber na relação com o outro e com o mundo.

Diante da escolha reflexiva muitas mulheres optam por uma gama de possibilidades: postergar, ter ou não filhos. Os motivos que sustentam essa escolha estão voltados à falta de estabilidade afetiva, ou seja, o casamento, trabalho, estudos, impotência, imaturidade,falta de articulação entre atividade sexual e reprodução,história de vida da família na determinação da escolha da postergação, e infertilidade em ultimo caso (RIOS, 2012).

> A escolha reflexiva pela aceitação ou não da maternidade é um elemento deste período de transição, possibilitando às mulheres e aos homens que a decisão pela reprodução seja feita com base na experiência adquirida, sem medo, culpa, ou qualquer sentimento de não realização individual e/ou social. Evidentemente, esta escolha será tanto mais reflexiva quanto maior a possibilidade de acesso à informação, à cultura e ao conhecimento especializado (SCAVONE, 2001, p. 40).

O fenômeno moderno segundo Scavone (2001), diz que com o avanço da industrialização e urbanização a mulher passa a ter posse de suas próprias escolhas na sua relação com o mundo, desta forma influenciou também na escolha pela maternidade, no que tange o controle sobre a reprodução e o melhor momento para ser mãe.

Atualmente ao se expressar, a mulher, pode desejar ou não ser mãe, pois se trata de um ser humano normal que exerce sua liberdade diferente de tempos atrás. Antes a mulher era sujeita as normas da natureza e do convívio social, e caso descumprido era encarado como anormalidade.

O olhar da mulher tornou-se para si, autônoma, legitima seu posicionamento social, controla seu corpo de acordo com suas necessidades, planeja seu projeto de vida e dentre eles a possibilidade da maternidade.

Portanto, com os adventos contemporâneos com repercussões na vida da mulher, em suma o que sobrevivi em sua plenitude é sua própria existência. A Psicologia Existencial ver a mulher livre, capaz de escolhas, desamarrada dos bloqueios que as impedem de usufruir da visão de si mesma para buscar a autenticidade e enriquecer suas potencialidades.

Diante do exposto nesta revisão bibliográfica, a seguir, será apresentada a metodologia de pesquisa utilizada neste estudo, bem como os resultados alcançados e a discussão acerca da articulação teoria/resultados.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

A metodologia empregada a essa pesquisa se configurou na análise quanti-qualitativa por meio do método fenomenológico, explicitado por Turato (2003), visando a revelar os significados contidos nos depoimentos pessoais das entrevistadas.

A pesquisa quantitativa desdobra-se em medidas da extensão de fenômeno, todavia, para a pesquisa qualitativa desdobra-se na descrição do fenômeno conceitual e pelo sentido que se manifesta (AMATUZZI, 2003).

O pesquisador fenomenólogo envolve-se com aquilo que emerge e desperta, ou seja, explora todo e qualquer fenômeno que se apresenta, se oferece em sua pesquisa. Como resultado da pesquisa fenomenológica, é possível alcançar resultados novos e inesperados, pois sabe da existência das múltiplas possibilidades criativas de compreensão do objeto de estudo em questão (HOLANDA, 2006).

> A pesquisa fenomenológica é uma forma de pesquisa qualitativa que designa o estudo do vivido, ou da experiência imediata pré-reflexiva, visando descrever seu significado; ou qualquer estudo que tome o vivido como pista ou método. É a pesquisa que lida, portanto, com o significado da vivência (AMATUZZI, 1996, p.5).

O método fenomenológico, segundo Holanda (2002; 2003b), o foco central do fenômeno estudado é a essência, o que pode ser mensurado a partir dos três eixos fundamentais da fenomenologia. O primeiro eixo é a redução fenomenológica, que possibilita acessar a verdade do sujeito. O segundo eixo é a intersubjetividade, que é a relação estabelecida entre o sujeito-pesquisador e o sujeito-pesquisado - duas histórias próprias que se encontram para compreender um fenômeno. O terceiro eixo é o retorno ao vivido, no qual o sujeito-pesquisado retoma sua história.

O método fenomenológico é um instrumento adequado para a psicologia, pois possui a finalidade de acolher a vivencia do sujeito e investigar o significado que ele dá a tal fenômeno em exposição. A compreensão do fenômeno acontece quando os holofotes estão direcionados a ele para que exista o clareamento do mesmo (AMATUZZI 2003).

3.2 SUJEITOS PARTICIPANTES E LOCAL

Pesquisa foi realizada com a participação de mulheres que escolherão ou não ter filhos, elas possuem entre 25 e 35 anos de idade, casadas há pelo menos um ano, com escolaridade variando entre nível superior incompleto e completo, e residem na Região Metropolitana de Vitória, no Estado do Espírito Santo.

Para execução da pesquisa, foi empregado o uso do procedimento de amostragem por acessibilidade ou por conveniência. Para Gil (2009, p. 94), no método de amostragem por acessibilidade ou por conveniência, “o pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo-se que estes possam de alguma forma, representar o universo”.

Fizeram parte dessa pesquisa 10 (dez) mulheres sem filhos, pois o objetivo da pesquisa desejou compreender a construção do projeto maternidade na atualidade.

A pesquisa foi realizada com mulheres casadas ou que estivessem em um relacionamento estável.

Segundo Bonini (1996), visto que a situação da conjugalidade interfere na escolha reprodutiva.

Optou-se por mais de 1 (um) ano de matrimônio, pois se considera que, socialmente, apenas após um ano de matrimônio é que o casal normalmente começa a pensar no projeto maternidade.

Como critério de inclusão utilizamos mulheres com idades entre 20 e 35 anos pelo fato de estarem no inicio da vida adulta, pois estariam de acordo com alguns padrões socialmente pré-estabelecidos, minimamente prontas para a maternidade de acordo com o desenvolvimento físico e cognitivo marcado pelo amadurecimento sexual e amadurecimento psicológico.

Outro critério para a escolha das participantes é o fator do recoste geográfico da pesquisa, tornando-se um facilitador de encontros com a pesquisadora optou-se então que residissem na Região Metropolitana da Grande Vitória.

O critério de seleção culminou em participantes inicialmente desconhecidas da pesquisadora, que se dispuseram de tempo e espaço, por indicação de conhecidos da pesquisadora para garantir o distanciamento reflexivo da mesma e se utilizar da

redução fenomenológica para investigar a vivencia da construção do projeto maternidade na atualidade.

Foi realizada a pesquisa com mulheres de nível de escolaridade superior completo ou incompleto. Pesquisa do IBGE investigou que o grau de escolaridade das mulheres, no qual incidem sobre o nível superior, influência no projeto da maternidade, pontuando que essas exercem maior controle de reprodução (IBGE, 2006).

Deste modo, por se tratarem de mulheres envolvidas intimamente com os contextos da atualidade, elas irão a algum momento de suas vidas passar pelo projeto de ser mãe, elaborando escolhas e se construindo nesse processo da subjetividade feminina.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

No procedimento de coleta de dados foram realizadas entrevistas individuais face a face com mulheres da Região Metropolitana da Grande Vitória no Estado do Espírito Santo.

Após o primeiro contato por telefone ou e-mail com as participantes, foi marcado um encontro e local escolhido. Nove (9) optaram por suas casas e apenas uma recebeu a pesquisadora em seu trabalho.

No contato inicial com a mulher, era explicado o objetivo do estudo e realizava-se a Entrevista de Contato Inicial, que investigava se a mulher atendia aos critérios de inclusão do estudo. Uma vez passada esta etapa, era marcado o encontro no local escolhido por ela.

Os procedimentos adotados para coletar os dados foram os seguintes:

O acesso às participantes foi por meio de aproximação e convite feitos em universidades da Região Metropolitana da Grande Vitória e por indicação de pessoas conhecidas da pesquisadora. O processo de escolha dos participantes foram escolhidos por indicação ou aleatoriamente, entretanto, desde que cumprissem os requisitos previamente estabelecidos.

A coleta foi realizada por meio do roteiro de entrevista semiestruturada cujas respostas foram gravadas. Foi explicada oralmente e diretamente para as

participantes a familiarização com os objetivos da pesquisa, o procedimento e instrumento de coletas de dados. Foi realizado o roteiro de entrevista individualmente que garantiu às participantes da pesquisa o sigilo sobre sua identidade. Nessa ocasião assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e respondia à Entrevista de Dados (APÊNDICE B).

Após assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido está garantido o sigilo do nome das entrevistadas, e por isso opta-se por identificá-las com codinomes de flores (Astromeia, Cerejeira, Copo-de-leite, Crisântemo, Flor-de-lis, Girassol, Lírio, Margarida, Rosa e Tulipa). Associado a semente que torna-se vida.

Foi esclarecido a cada participante que não haveria nenhuma espécie de compensação financeira relacionada à pesquisa. Foram utilizados materiais como folhas, lápis, borracha para o uso das entrevistas e o gravador.

3.4 INSTRUMENTOS DE PESQUISA

O instrumento de coleta de dados foi estabelecido em duas partes. A primeira parte foi composta por dados socioculturais das participantes (idade, estado civil, escolaridade, idade que pretende ser mãe). A segunda parte foi composta por um roteiro de entrevista, contendo 15 (quinze) perguntas semiestruturadas para as mulheres e encontra-se no ÂPENDICE A, compreendendo as concepções da maternidade em relação às escolhas do projeto de vida. Foram perguntas claras e diretas, mas também subjetivas, que permitiram às participantes responderem livremente usando linguagem própria e emitindo suas opiniões. A entrevista se estabelece como norteador para responder os objetivos da pesquisa

Segundo Manzini (1991, p. 154):

> [...] a entrevista semiestruturada está focalizada em um objetivo sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. [...]. É mais adequada quando desejamos que as informações coletadas sejam fruto de associações que o entrevistado faz, emergindo, assim, de forma mais livre.

3.5 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa envolveu, como participantes diretos, mulheres que elaboram o processo de escolha ou não da maternidade, elas contribuíram de forma voluntária, mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APENDICE B) explicando os procedimentos adotados e objetivos da pesquisa, onde os dados coletados seriam utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e que seria mantido o anonimato dos participantes.

Destaca-se que o presente trabalho se comprometeu as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CONEP), descritas na Resolução nº 466, de 12/12/12, dentre os quais oferece proteção à identidade dos sujeitos, bem como garantias de anonimato e sigilo quanto ao uso das informações prestadas.

3.6 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

O método utilizado nesta pesquisa é o fenomenológico, no qual este instrumento compreende alcançar, através da entrevista, aquilo que se apresenta para explorar o real e o subjetivo. É primordial acolher o que emerge e a experiência vivencial de quem expõe suas idéias. Quando um pesquisador escolhe um método fenomenológico como abordagem, ele propõe extrair das falas dos entrevistados, o que há de mais significativo e compreensível em relação ao ponto de vista sobre o tema abordado (BICUDO, MARTINS, 2005).

O método fenomenológico desenvolveu-se nessa pesquisa em quatro etapas: 1) leitura geral do material, 2) definição de unidades de significado, 3) expressão das unidades na perspectiva escolhida pelo pesquisador, e 4) formulação de uma síntese das unidades.

Possibilitou ainda que a pesquisadora se apropriasse dos pontos relevantes aos os objetivos da pesquisa, a partir da visão da abordagem teórica da Psicologia Existencial, na qual se norteou.

4 RESULTADO E DISCUSSÃO DA PESQUISA

4.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS

Tabela 2 – Dados Sócio demográficos das participantes.

NOME	IDADE	TEMPO DE CASAMENTO	SITUAÇÃO CONJUGAL	IDADE QUE PRETENDE SER MÃE	ESCOLARIDADE/ PROFISSÃO
Rosa	26	3 Anos	Casada	30	Superior completo/Bióloga
Margarida	25	1 Anos	Casada	28	Superior Incompleto Nutricionista
Lírio	26	2 Anos	Casada	30	Superior Completo/Jornalista
Flor-de-lis	26	1 Ano e 2 meses	Casada	31	Superior Completo/Psicóloga
Girassol	26	4 Anos	Casada	32	Superior Completo/Assistente Social
Astromeia	31	6Anos	Casada	35	Superior Completo/Pedagoga
Cerejeira	28	8Anos	Casada	42	Superior Incompleto/ Fisioterapeuta
Copo-de-leite	28	5 Anos	Casada	40	Superior Completo/Enfermeira
Tulipa	26	1 Ano e 5 Meses Anos	Casada	28	Superior Completo/Assistente Social
Crisântemo	32	3 Anos ,9 Meses	Casada	44	Superior Completo/ Administradora

Fonte: Elaboração Própria

A média das idades entre as entrevistadas são de 27 anos, média da idade em que pretendem ser mãe é de 34 anos, em relação à quantidade de anos casadas é de 3 anos em média. Todas são casadas, sem divórcios anteriores, nenhuma representando união estável, configurando assim a não necessidade de comparações. Margarida e Cerejeira são as únicas de superior incompleto e as demais já concluíram a graduação. Flor-de-lis é mestre em psicologia, e Astroméia é mestranda faltando apenas 1(um) ano para concluir, as outras já possuem pós-graduação em suas áreas de atuação.

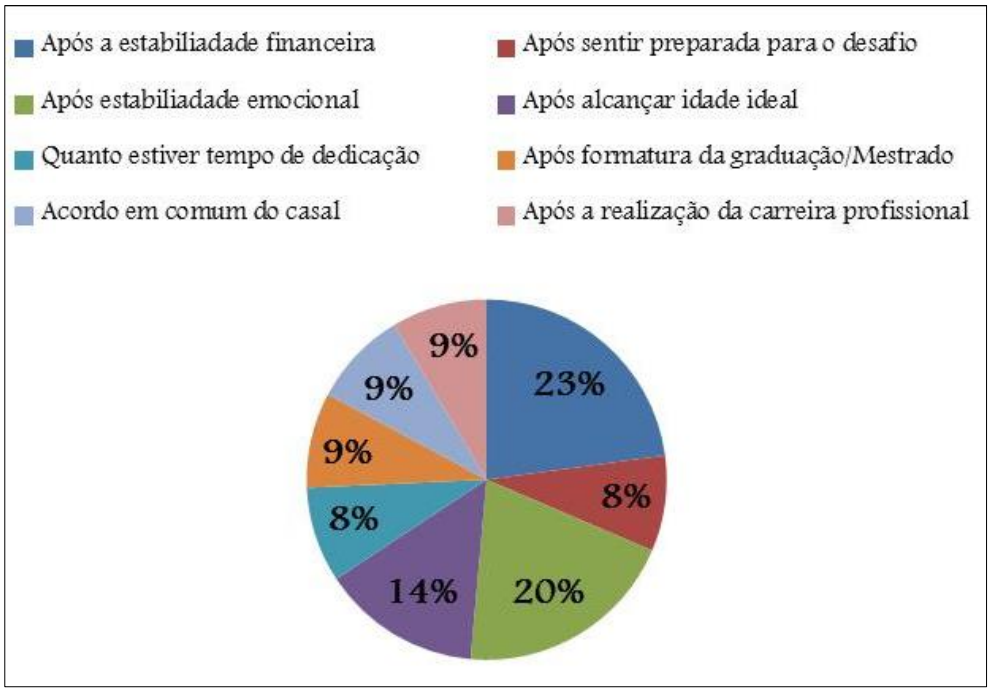
Ao logo da entrevista nenhuma delas relatou que houvesse tentado engravidar, ou engravidado inesperadamente e abortou espontaneamente, ou tivesse tido um aborto planejado.

4.2 DESCRIÇÃO QUANTITATIVA DOS DADOS COLETADOS

Quanto à escolha de ser mãe, a totalidade das participantes respondeu que sim, ou seja, 100% das participantes planejam ser mãe.

Com relação ao melhor momento para realização da maternidade, a maior incidência das respostas recai em: sobre após a conquista da estabilidade financeira representando 23%; parte das respostas incide a respeito da preparação emocional como aparato importante para o momento da escolha para engravidar representando 20%; 14% das respostas representa o desejo aguardar a idade ideal; 9% das respostas refere-se àquelas que aguardam quando terão tempo para dedicação aos filhos; 9% das respostas após a graduação ou mestrado; 9% das respostas referem-se à quando o casal entrar num acordo em comum; outros 9% das respostas evidencia que será ideal quando se sentirem preparados para os desafios, incluindo o esposo e 9% concebem a idéia da maternidade após prioridades profissionais. Observe o Gráfico1 abaixo.

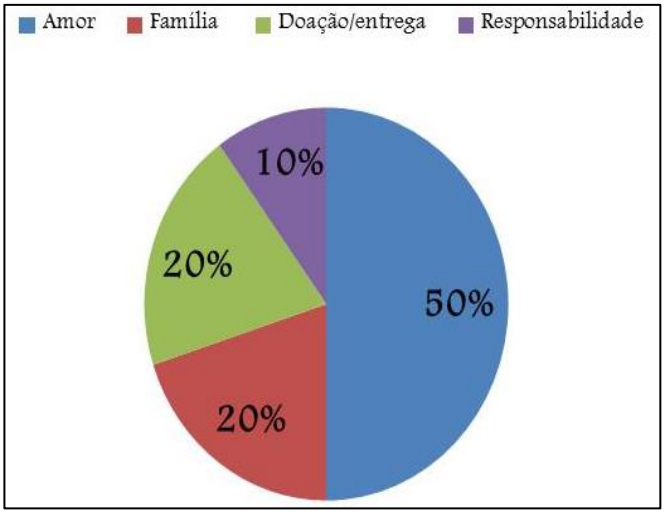
Gráfico 1 - Melhor momento para ser mãe



Fonte: Elaboração própria

De acordo com o gráfico 2 abaixo, das entrevistadas, a maioria, 50% respondeu que a primeira palavra que vem à mente é o amor; parte, 20% igualmente disse que a família é o que surge na mente ao pensar maternidade, ou pensam na doação à outro; e apenas10% pensou na responsabilidade.

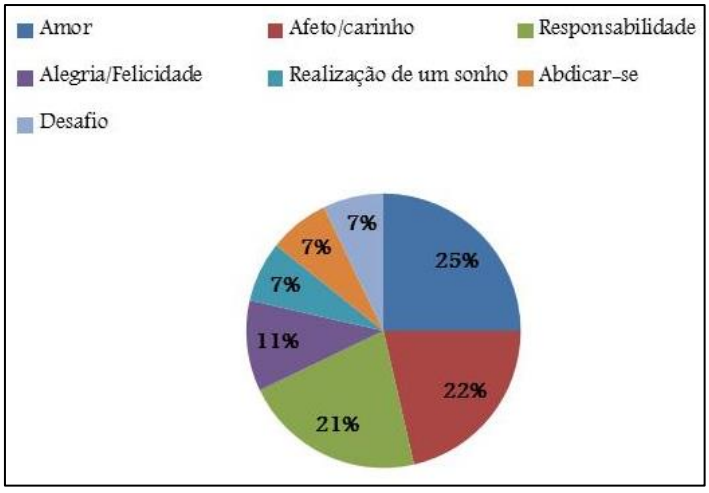
Gráfico 2-Primeira palavra que vem a mente sobre maternidade.



Fonte: Elaboração própria

As participantes relataram que os sentimentos relacionados à maternidade são bons no que tange o amor representando 25%; das respostas afeto 22%; responsabilidade 21%; felicidade 11%; realização de um sonho 7%; abdicar-se 7%; desafio 7%. Observe o Gráfico 3 abaixo.

Gráfico 3 – Sentimentos evocados pela maternidade



Fonte: Elaboração própria

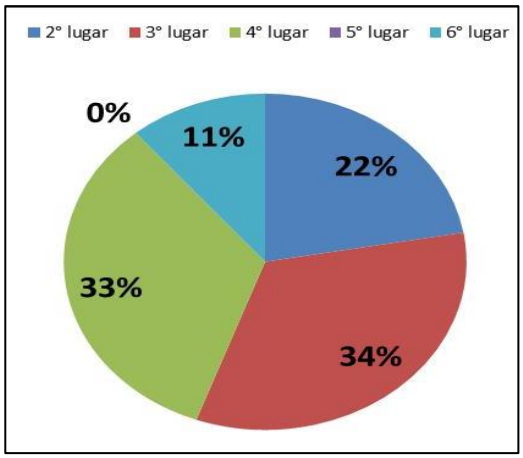
Quanto à concepção de maternidade, 23% das respostas enfatizam a realização pessoal; 19% refere-se a um acontecimento importante na vida de uma mulher; como também função que transmite amor com 19%; 15% das respostas incide na preciosidade de ser mãe como dádiva; 12% das respostas dizem respeito a um ato de trazer um ser à vida e outros 12% está presente na formação do caráter do filho, segundo exposto no Gráfico 4 abaixo.

Gráfico 4- Concepção de maternidade.

Fonte: Elaboração própria

Em relação à hierarquia das escolhas, as respostas são diversas, destaca-se a necessidade de criar duas subcategorias. O primeiro grupo são de respostas que possuem uma ordenação, considerando o projeto e o controle de suas vidas, três participantes em 2º lugar na vida,três participantes responderam que a idealização do filho está em 3º lugar, duas participantes responderam 4º lugar na vida delas e uma participante escolheu 6º lugar para o melhor momento de dizer “agora quero engravidar”. Observe o Gráfico5 abaixo. 67% concentram maiores indicadores (2° e 3°) a concretização da maternidade.

Gráfico 5 - Hierarquia das escolhas pela maternidade.

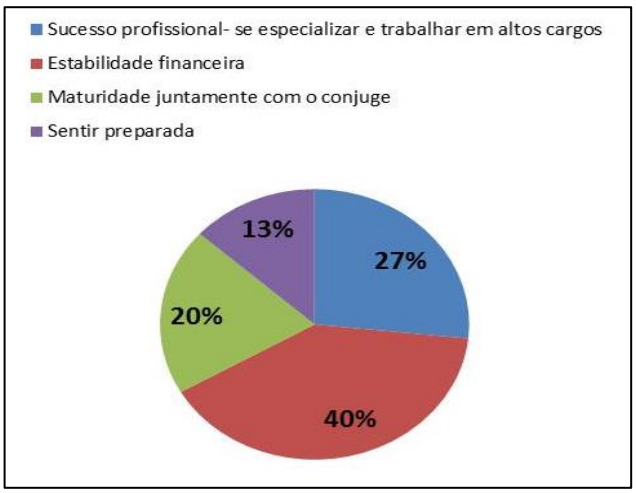


Fonte: Elaboração própria

Conforme o Gráfico 6 abaixo, a segunda categoria de respostas justificou suas ordenações e controle de suas escolhas; 40% das respostas realçam a certificação que alcançaram a estabilidade financeira; 27% das respostas declara a realização e o sucesso profissional. 20% das respostas referem-se à espera da maturidade do

casamento para se tomar decisão de serem pais e 13% quando se sentirem preparados. É importante pontuar que apenas uma participante, Cerejeira relata que o casal pode até fazer planos, porém a vida é cheia de surpresas e tudo que foi perfeitamente planejado pode não ocorrer, ressalta ainda que é uma forma para não se frustrarem caso a hierarquia mude de posições.

Gráfico 6 - Justificativa da hierarquia das escolhas pela maternidade.

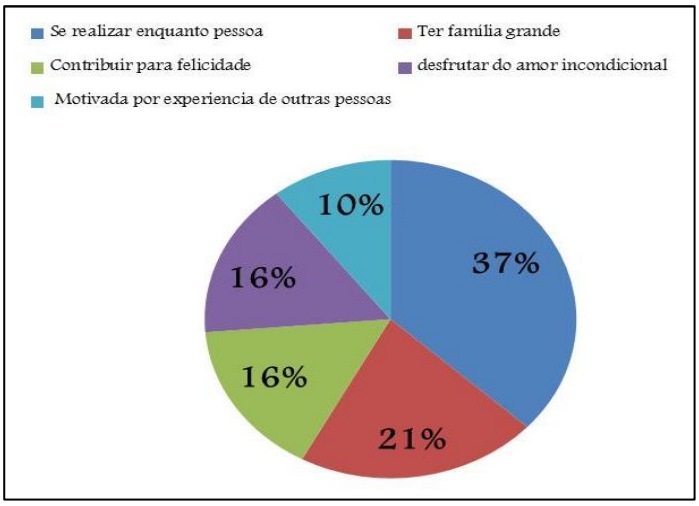


Fonte: Elaboração própria

No que tange a substituição da escolha da maternidade por outro projeto de vida: 50% das participantes responderam que quando já decidido não trocariam por outro projeto de vida, entretanto, os outros 50% delas disseram que substituiriam sim, mesmo diante de uma prévia decisão. A partir desses dados, existem duas subcategorias, uma para as participantes que responderam sim e outra para as que responderam não.

A subcategoria de quem respondeu sim: 34% das respostas disseram que seria para melhorar a qualidade de vida financeiramente, sendo que 33% das respostas fazem menção à uma substituição temporária. 24% das respostas revelam que a estabilidade emocional é um dos fatores que contribuem para decidir pela maternidade; 13% responderam que desejam aproveitar o tempo de casada por mais tempo, como se pode observar no gráfico 7 abaixo. Para as respostas da subcategoria de quem respondeu não: 50% por ser um grande sonho e 50% não pretende protelar, pois quando necessidade aparecer vai significar que elas estarão preparadas para conceber o filho.

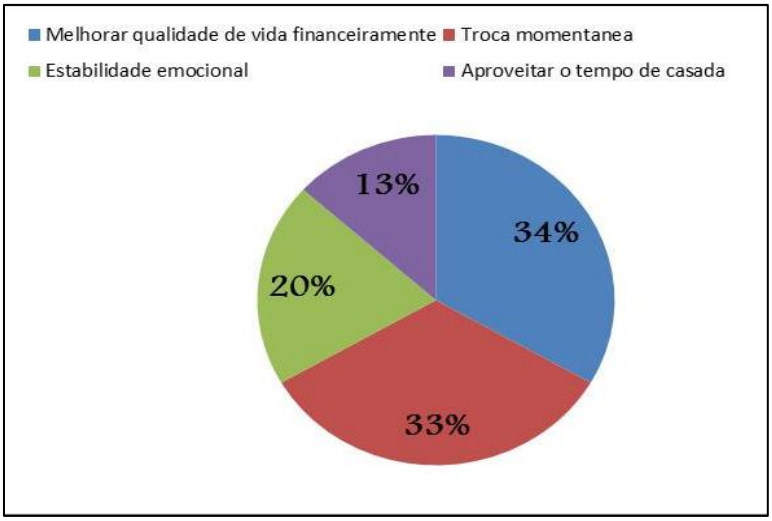
Gráfico 7 - Motivo do adiamento da maternidade por substituições significativas.



Fonte: Elaboração própria

Sobre os fatores que contribuem para a escolha da maternidade: 37% esperam se realizar enquanto pessoa; 21% das respostas refletem na realização do sonho da infância em constituir família grande; 16% respondeu que contribui para felicidade; 16% desfrutar do amor incondicional e 10% à experiência de outras pessoas. Observe o Gráfico 8 abaixo:

Gráfico 8 - Fatores contribuintes para mulher na escolha da maternidade

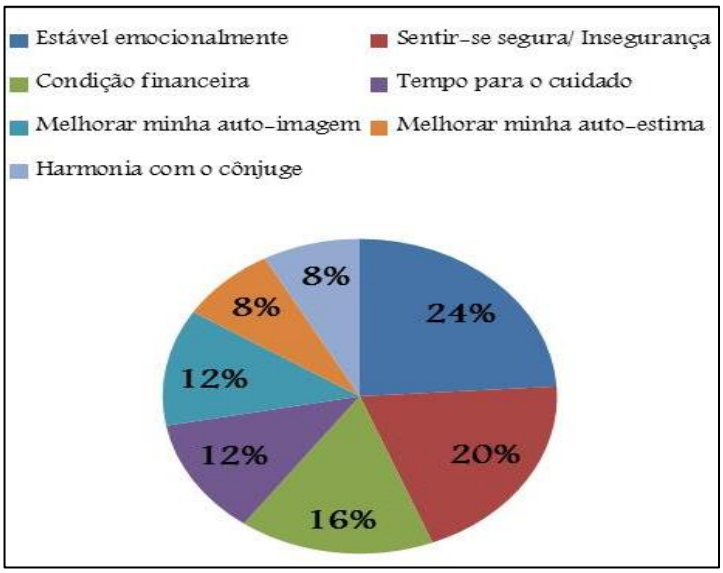


Fonte:Elaboração própria

Conforme demonstra o Gráfico 9 abaixo, ao abordar a condição emocional e outras condições necessárias para ser mãe: 24% das respostas incide em estar emocionalmente estável para serem mães; 20% sentir-se segura é importante para exercer com as capacidades e habilidades próprias de mãe;para 16% a condição

financeira é fator primordial para o cuidado; 12% igualmente em referência ao tempo de dedicação, que é essencial, assim como para melhorar auto imagem; 8% igualmente em referência à importância da harmonia dos cônjuges para a decisão, bem como para a auto estima como parte do planejamento para a maternidade.

Gráfico 9 – Condições emocionais para ser mãe.

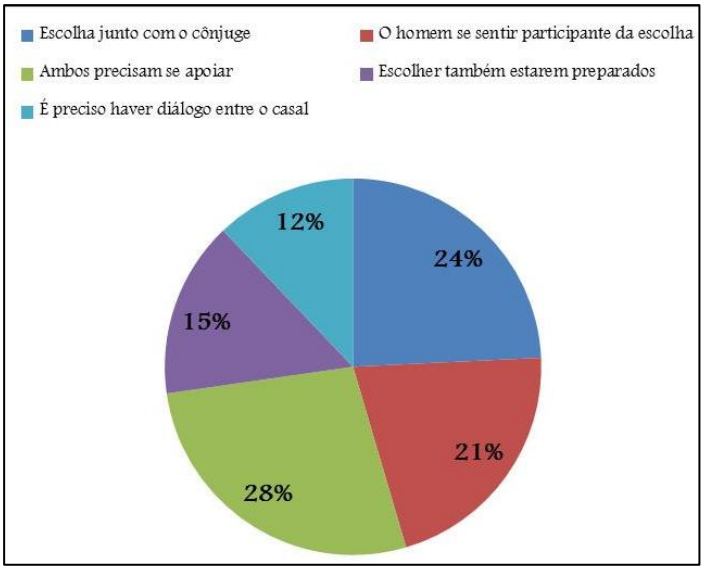


Fonte: Elaboração própria

Para o sentimento de autonomia na decisão da maternidade, na primeira subcategoria, 90% das participantes respondeu que não e, na segunda subcategoria, 10% sente total autonomia, ou seja, em apenas um caso a participante afirmou que afinal de contas, somos nós mulheres que sentimos qual será o melhor momento.

Para a primeira subcategoria, que não sentem autonomia: 28% respondeu que quando existe acordo entre o casal acerca dos desejos de ambos a responsabilidade é compartilhada; 24% respondeu que a escolha deve ser em conjunto, pois ambos participam da educação e do cuidado; 21% respondeu sobre a importância de inserir o homem na decisão15% respondeu que o cônjuge precisa se preparar junto; 12% ressaltou a importância do diálogo na decisão respeitando a insegurança e vontades um do outro. Para a segunda subcategoria, de quem sente total autonomia, diz que o corpo para conceber o bebê será o dela e que não fará nada sem seu próprio consentimento, segundo exposto no Gráfico 10.

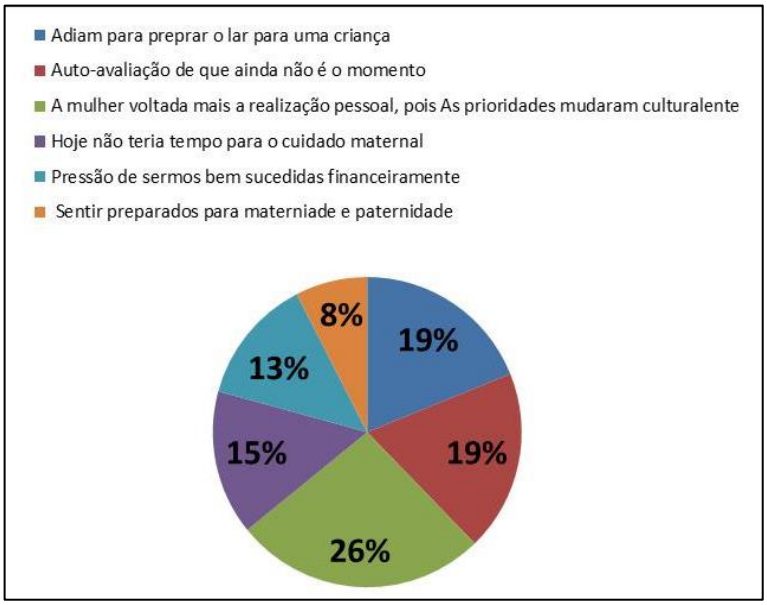
Gráfico 10-Autonomia para escolha da maternidade.



Fonte: Elaboração própria

Em consideração ao fenômeno atual em adiar e de se abdicar da maternidade, as participantes expuseram suas opiniões: 100% das participantes se identificam com a possibilidade de adiar até o momento apropriado para a maternidade, ou seja, é possível observar a ausência da recusa pela maternidade. 26% das respostas ressaltam que o adiar está voltado à realização pessoal; 19% justificam que o adiamento se deve à auto avaliação de que ainda não estão no melhor momento, 19% para preparar um ambiente propício para criança; 15% por não ter tempo para dedicar ao cuidado da criança; 13% das respostas adiam pela pressão do mercado e do capitalismo para mulher ser sempre bem sucedida; 8% quanto à maturidade do casal. Observe o Gráfico 11 abaixo.

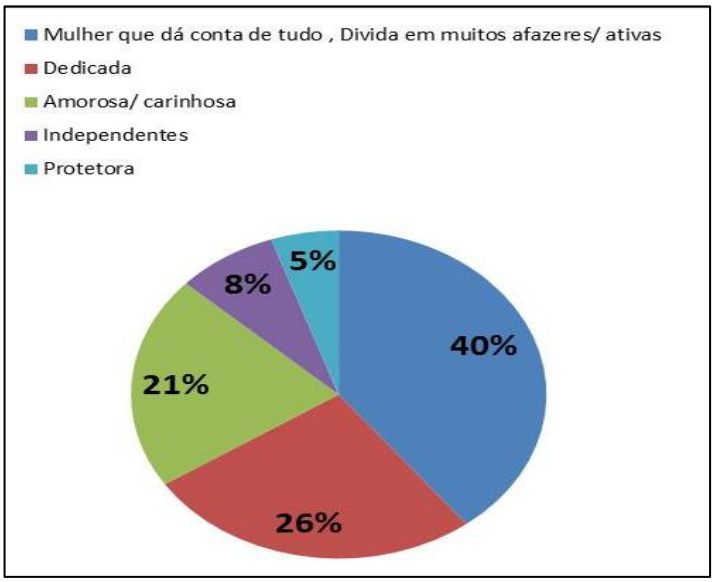
Gráfico 11 - Opinião sobre a motivação para adiar ou de se abdicar a maternidade.



Fonte: Elaboração própria

Ao se imaginar como mãe, o aspecto que mais se realça é a identificação por mulheres ativas, divididas em seus muitos afazeres, com criatividade, que “dão conta de tudo”, que estão prontas para os desafios diários: casa, filho, trabalho e marido, representando 40% das respostas; 26% está relacionada à dedicação à criação dos filhos no que se refere ao desenvolvimento da saúde física, social e emocional; 21% das respostas traz a importância da afetividade da mãe que cuida com carinho e alegria traduzida em amor; 8% das respostas referem-se ao modelo de mães independentes que criam seu filho(a) sozinhas, indicando que as decisões sobre a educação do filho irão recair sobre elas, apesar de não anular ajuda de outros;5% das respostas incidem sobre a identificação da mãe protetora, que trabalha por tempo reduzido para dedicar tempo para os filhos. Observe o Gráfico 12 abaixo.

Gráfico 12 - Identificações maternais.



Fonte: Elaboração própria

4.3 ANÁLISES DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Para compreender o universo de significados e as relações sobre o processo de formação do projeto de maternidade, essa pesquisa realizou análises descritivas das entrevistas pessoais orientada pela metodologia fenomenológica e discussão dos dados pela abordagem da Psicologia Existencial.

Os relatos das mulheres entrevistadas evidenciam vivências da construção do projeto maternidade, cujos aspectos abrangem estruturas da escolha consciente e reflexiva.

O desenvolvimento das unidades de significado, aqui apresentadas, sob a perspectiva das mulheres entrevistadas, expressa, através dos seus constructos pessoais, o processo da escolha. Portanto, cabe nessa fase revelar e discorrer sobre as características encontradas na experiência de vida para extrair a compreensão do fenômeno: projeto de maternidade. Desta forma abordaremos a seguir as 12 unidades elaboradas a partir da percepção do projeto de maternidade.

A descrição da natureza fenomenológica vinculou-se a percepções manifestadas que consiste em unidades significativas no que tange: a escolha pela maternidade; melhor momento para ser mãe; palavras significativas que remetem a maternidade;

sentimentos evocados pela maternidade; concepções da maternidade; hierarquia das escolhas; impasses e perspectivas; fatores contribuintes para a mulher na escolha da maternidade; condições estruturantes da função materna; autonomia de escolha; adiamento da maternidade; e identificações maternais.

Os resultados estão organizados a partir de análises das respostas de acordo com as perguntas feitas as entrevistadas, logo, apresentam-se discussões e elaborações de projetos existenciais e vivenciais. Destacaram-se as particularidades presentes no planejamento da maternidade e para o modo como estabelecem essa escolha, se enraíza existencialmente a partir de experiências significativas voltadas as percepções e sentimentos.

A seguir estão apresentadas cada uma das unidades de significado e vivências a partir das verbalizações das próprias mulheres entrevistadas.

4.3.1 Escolha pela maternidade

Esta unidade significativa se refere à escolha. O desejo fica evidente, ao longo de todas as falas. Mostram-se firmes e embora com as decorrências da vida, sempre manifestaram o desejo de serem mães. Para Lírio, 26 anos, é “inquestionável essa escolha”, e para Cerejeira, 28 anos, relata que “não consigo me imaginar não sendo mãe”. As demais responderam espontaneamente sim, sem nada a expor.

Verificou-se que em todas as entrevistadas da pesquisa planejam ser mães, em média, a partir dos 34 anos de idade. Nenhuma hesitou em afirmar de sua perspectiva para o futuro: ser mãe.

Temos que considerar que o desejo de ser mãe, que perpassa o imaginário da maioria das mulheres, geralmente está atrelado ao “desejo de família” (ROUDINESCO, 2003).

Scavone (2001), aponta à existência de uma tomada de consciência das mulheres na construção de uma escolha reflexiva da maternidade, diz que a escolha é marcada pelas relações de classe, raça, etnia e de gênero, ser dependente de acesso à cultura e informação. Aposta também que a escolha perpassa o controle sobre a reprodução, quantos filhos e quando.

A noção “sendo mãe” se configura a partir dos pressupostos de Feijoo (2000), ser é um modo da possibilidade de existência, e para Erthal (2004), o indivíduo para ser e

existir precisa escolher. Desta forma, escolher ser mãe é a capacidade de compreender sua própria existência.

4.3.2 Melhor momento para ser mãe

Percebe-se que o melhor momento para ser mãe não perpassa por apenas um fator, mas, depende de vários fatores e condições necessárias. Com isso, cada mulher enfatiza a importância do preparo anterior ao tornar-se mãe. A partir das entrevistas percebe-se que o melhor momento é: após a estabilidade financeira, emocional; quanto ao sentir-se preparada para o desafio da maternidade; após a idade ideal, quando o casal tiver tempo para dedicar à criança; após a graduação ou mestrado; após melhor acordo entre o casal e realização profissional.

É possível identificar, de acordo com Barros e Rocha (2008, p. 11):

> Após séculos de submissão, as mulheres buscam reconhecimento como quem participa diretamente do processo de crescimento de um novo ser, conquistando um espaço privado para o surgimento de uma nova história, na qual é inserida como protagonista, como um ser que abre sua existência em múltiplas possibilidades: a mulher - ser do sexo feminino; a mãe – a procriadora; a profissional – o ser intelectual, com talento e capacidade de produzir, além disso, permite-se manter integrada ao mundo, contribuindo com o seu potencial criativo, através do conhecimento que se amplia e se atualiza continuamente.

Diante dos reflexos da contemporaneidade e em virtude de suas escolhas, o aspecto “após estabilidade financeira”, enquanto melhor momento para ser mãe, é muito valorizado pelas mulheres entrevistadas dessa pesquisa, evidenciaram pela busca de um maior investimento na carreira profissional. Exceto para Flor-de-lis que almeja uma casa maior para acomodar melhor seus filhos.

A conquista da estabilidade financeira como necessidade da realização da maternidade faz parte do processo do planejamento, representado como um anseio do casal. A prioridade financeira para cuidar de seus filhos, é justificada pelos gastos indispensáveis para prover a qualidade de vida para a criança.

“O melhor momento será quando eu adquirir estabilidade na carreira, principalmente de ordem financeira” (GIRASSOL).

“A estabilidade financeira é poder dar meu filho, ou filha, saúde, educação, um quarto, roupinhas boas, enfim dar uma qualidade de vida para ele ou ela” (CEREJEIRA).

A relevância do estado emocional, no ponto de vista das entrevistadas, é fundamental no que tange a consciência da nova fase, disposição para renúncias e responsabilidades, não atrapalhar a criação dos filhos, como também viver essa realidade com os pés no chão. Elas idealizam estar emocionalmente preparadas para o desafio da maternidade.

Ao planejar o melhor momento para a realização da maternidade, elas se exigem enquanto mulheres potencialmente preparadas em suas emoções, hábeis para a criação do filho e preocupadas com o reflexo na qualidade do desenvolvimento emocional do filho.

“[...] ainda entendo que é necessário me melhorar como pessoa, tenho algumas questões emocionais que acredito que posso atrapalhar na criação dos meus filhos. Eu quero ser mãe, mas é desafio em tanto”(COPO-DE- LEITE).

“Condições emocionais ao que se referem à consciência da nova fase, disposição para renúncias e responsabilidade e preparar para realidade, são muito importantes” (TULIPA).

Ao identificar qual a idade ideal para realização do projeto de maternidade, percebe-se que esse fator fica atrelado a alcançar as metas pessoais: financeiras, emocionais, profissionais, dentre outras, já mencionadas acima, ser estruturantes no processo de planejamento.

“O melhor momento depende de vários fatores, depende muito de casal para casal. Fatores: financeiros, emocionais, disponibilidade de tempo, vontade de ser pais, sonhar e pé no chão, ou seja, viver a realidade, me sentir preparada”(ASTROMEIA).

É marcante a valorização da idade ou do tempo determinado, através de um prazo necessário para se adequar à chegada do bebê. A condição de haver uma idade máxima gestacional se impõe. Todas as entrevistadas identificaram a idade em que almejam ser mãe. A partir do pressuposto da idade ou tempo, exercer o papel da maternidade numa fase mais madura é um ideal significativo para elas, como modelo ideal para a realização do projeto de maternidade e a média de idade considerada são após os 34 anos. Apenas Cerejeira, explica a necessidade do planejamento, demonstrou ser a mais flexível que as demais, em relação à idade ou tempo apropriado.

> O melhor momento para mim e meu esposo, acredito que mesmo planejando, não posso me fixar, imaginando que será exatamente como pensei. Aos 42 anos me vejo na idade ideal para ser mãe, acredito que meu esposo também. Antes vou traçar uma meta de alcançar estabilidade financeira, aparato emocional e físico, porque preciso emagrecer (CEREJEIRA).

Uma inquietação, para as mulheres entrevistadas, é o ritmo de vida que já possuem, e na vivência da maternidade veem como essencial o tempo de dedicação ao cuidado do filho. A escolha pode se definir ao associar os encargos maternos à relação do cuidado, principalmente na dependência que uma criança possui.

Pensa-se também que quando se está financeiramente estável, o tempo é favorável a elas, e assim, se permite a dedicar ser mãe.

“Com uma condição financeira melhor para permitir dedicar mais tempo ao filho, por ser muito dependente e faz parte de se abdicar ao outro” (MARGARIDA).

Aparece no discurso das entrevistadas a relação entre estabelecer a decisão pela maternidade com o sentir-se preparada para ser mãe. O sentir-se preparada está articulado com momento exato da escolha - agora é hora de engravidar - ou seja, alcançou suas etapas pessoais e torna-se vital para o casal que já seja a hora da chegada do bebê. O preparo é quando está tudo bem ajustado e, assim, transbordam as reflexões sobre as renúncias e a realidade do que é ter um filho.

“Melhor momento é quando me sentir preparada [...]. Ainda preciso galgar um pedaço para chegar o momento de refletir sobre essa escolha e se preparar para chegada do bebe” (CRISÂNTEMO).

Outro aspecto mencionado pelas mulheres foi o fato de que o momento ideal é após a conclusão da graduação ou mestrado. Atribuem valor especial em possuir uma profissão, sentir-se satisfeita e realizada profissionalmente, desta forma, garantir a conquista pessoal. A conquista pessoal não se remete apenas a cumprir papéis de esposa e mãe, entretanto, enquanto mulher independente, no desejo de ter uma profissão como forma de experienciar melhor à vida. Adquirir diplomas antes da maternidade é uma forma de produzir planejamento ao projeto de vida, voltado para intelectualidade como prioridade e agregar significado à vida.

“Depois que formar não quero me limitar somente a papéis de esposa e mãe, não deixam de fazer parte, quero proporcionar outras experiências, como por exemplo, minha profissão” (ROSA).

No que concerne à escolha por ser mãe e de que forma ela se estabelece, as entrevistadas se atentam de que o projeto precisa ser compartilhado com o marido, pois acreditam que o distanciamento do mesmo nessa escolha pode afetar na vida da criança. Elas expõem suas falas no plural, ou seja, inserem o marido nesse processo. Enfatizam que não apenas a mulher precisa da estabilidade financeira, emocional e tempo de dedicação.

“[...] quando meu marido e eu estivermos mais estáveis em nossos empregos, com uma condição financeira melhor para permitir dedicar mais tempo ao filho, por ser muito dependente” (MARGARIDA).

“Acredito que é importante que o casal esteja de comum acordo para poder viver este momento com intensidade” (TULIPA).

Afinal, ao identificar qual a idade ideal para realização da maternidade fica atrelado em alcançar as metas pessoais que poderão influenciar no planejamento, são elas: financeiras, emocionais, profissionais e bom relacionamento com o marido.

4.3.3 Palavras significativas

Ao projetar a experiência da maternidade no futuro, existem palavras significativas que transparecem a percepção das mulheres entrevistadas no que se refere ao amor, à família, à doação como ato de entrega e responsabilidade.

As palavras significativas foram: Amor, família, responsabilidade e doação.

“Para mim a palavra é amor (Girassol)”.

“É impossível não pensar primeiro na palavra responsabilidade (Rosa)”.

“Acho que é doação, toda mãe se doa demais a favor do filho (Margarida)”.

Elizabeth Badinter (1985), escreveu um livro sobre “o mito do amor materno”, declara uma questão a ser investigada, o fato de o amor materno não ser próprio da mulher desde o seu nascimento. Todavia, acredita no amor construído no decorrer da vivência na relação mãe e filho.

Para elas o amor é a principal característica da maternidade, é a manifestação sentida e vivida mais afetiva possível na relação mãe e filho. É possível também evidenciar a palavra família como integrante da configuração ou estrutura familiar

onde se torna necessário o vínculo pelo amor, pela abdicação e a responsabilidade. Ainda pode-se dizer que o amor materno se concretiza através da responsabilidade dedicada à criança, a disponibilidade total às demandas da criança, bem como a doação pessoal e total da mãe e a presença positiva da maternidade no seio familiar.

As entrevistadas referem-se ao amor de acordo com a experiência na relação com as suas próprias mães e o significado do amor que é socialmente adquirido. No imaginário está firmado de que a sobrevivência emocional e física da criança se garante através do amor da mãe. O fato de garantir a sobrevivência do filho, elas chamam de responsabilidade, abrir mão de si mesma e idealização da família.

4.3.4 Sentimentos evocados pela maternidade

Nessa fase da entrevista, as entrevistadas expressaram sentimentos, sensações e percepções tais como: emoções boas, alegria, felicidade, afeto, a aprendizagem, responsabilidade, realização do sonho, abdicar-se e o enfrentamento deste papel como desafio.

Os discursos dos sentimentos aparecem bastante focalizados na demonstração da afetividade vinculada ao amor expressivo em carinho. Isso indica, através de suas falas, a importância do vínculo amoroso entre mãe e filho que atua como conduta essencial para maternidade.

“Emoção, afeto, carinho, reciprocidade da relação mãe e filho” (FLOR-DE-LIS).

A responsabilidade aparece como missão indispensável no papel da maternidade. As entrevistadas demostram o desejo e ao mesmo tempo revelam as dificuldades ao se apropriar de um possível papel de mãe.

“Me evoca boa sensação, mas com um peso da responsabilidade”(CEREJEIRA).

A vivência da maternidade parece bem clara, para elas, como um movimento muito bom. Entretanto, revela a dificuldade e a ambivalência entre amor e o medo do novo, descrito pela Rosa, deste modo manifesta sua insegurança.

Ao mencionar os sentimentos que a maternidade evoca, é interessante observar a satisfação que elas demonstram enquanto pessoa,quando se referem à alegria,

felicidade e realização de um sonho. Desta forma retroalimentam a maternidade idealizada por promover bons sentimentos que nutrem o projeto para posterior concretização.

“A respeito de maternidade penso na realização de um sonho. Sentimento de alegria, dedicação, grandes responsabilidades que se tornam especiais e com muito afeto” (TULIPA).

É possível observar que as falas de Copo-de-leite, Cerejeira, Margarida e Tulipa trazem a complexidade da realidade no tornar-se mãe, retrata a necessidade de maturidade. Enfrentar como desafio da responsabilidade quanto um fator a ser exercido com grande seriedade. É uma escolha tornar-se mãe, cuja concepção da realidade precisa ser encarada como um passo pensado e responsável.

Teixeira (2006, p.290) considera sob o ponto de vista da responsabilidade que o indivíduo:

> [...] faz-se a si próprio escolhendo-se e é uma combinação de realidades/capacidades e possibilidades/potencialidades, está “em aberto” ou melhor está em projeto. Este, é a maneira como ele escolhe estar-no-mundo, o que se permite ser através da sua liberdade, sendo que as escolhas podem ser feitas em função do futuro ou em função do passado: escolher o futuro envolve ansiedade (associada ao medo do desconhecido) e escolher o passado envolve culpabilidade (associada à consciência das possibilidades perdidas).

4.3.5 Concepção de maternidade

Segundo Erthal (2004), a escolha do indivíduo é influenciada conforme o significado que dá própria experiência vivida, assim o projeto existencial torna-se realizável. Todo esse processo irá refletir no modo de comportar-se na relação ser-no-mundo para dar sentido ao existir.

Desta forma, a concepção de maternidade da mulher será influenciada pelo vinculo entre experiência e a relação do ser-no-mundo. Dentro deste contexto as escolhas seguirão o percurso para realização do projeto existencial.

É marcante na fala das entrevistadas, ao que se refere à realização pessoal em tornar-se mãe, pois se trata de um assunto relevante enquanto pessoa. Tornou-se parte do projeto de vida delas e ainda dizem ser a realização mais profunda que uma mulher vivencia em sua existência.

Embora as concepções exponham algumas diferenças sobre a maternidade, por ser uma realização futura, elas revelam falas onde se apropriam deste lugar: ser mãe.

Para Feijoo (2000), existe uma condição de reconhecer o ‘ser’ enquanto modo de se apresentar. Apresentar-se como mãe é uma possibilidade de escolha do existente. Existir, enquanto *dasein*(inúmeras possibilidades de ‘ser’) está sujeito à subjetividade.

“Faz parte do projeto de vida que escolhi para mim” (MARGARIDA).

“É a realização pessoal mais profunda de uma mulher”. (FLOR-DE-LIS).

Refletir a escolha da maternidade é buscar compreender como se dá o processo da gravidez, conhecer a respeito do que significa ser mãe, seus deveres, anseios e suas vicissitudes. A definição que se convêm realçar está no relato de Crisântemo:

“Maternidade é o ato de ser mãe através de uma escolha” (CRISÂNTEMO).

Margarida, Flor-de-lis, Cerejeira e Tulipa parecem ter concepções muito particulares sobre a maternidade: relatam sobre a vida antes e depois com os filhos. Enquanto as falas de Crisântemo, Girassol, Rosa, Lírio, Astromeia, Copo-de-leite conseguem apresentar qualidades e atributos do papel materno. O primeiro grupo expressa a forma como cada uma vivenciará a experiência de ser mãe, traz para si a trajetória da vida enquanto mulher, e que após o nascimento do filho tudo se transformará. Já para o segundo grupo, o discurso está voltado para o cuidado, responsabilidades, dedicação, educar.

Elas despertam para a concepção de maternidade de forma a se responsabilizar pela formação moral, emocional e física dos filhos. Preocupam-se com o vínculo da relação mãe e filho, de que alguma forma irá influenciar no destino do filho.

O olhar para a maternidade é intensamente romantizado, pelas entrevistadas, no ponto de vista de que “é um presente que se recebe, é uma dádiva, todas as mulheres precisam experimentar a maternidade”. Apenas Crisântemo expressou profunda ambivalência ao dizer que *“*ser mãe é padecer no paraíso*”.*

“Deve ser uma sensação maravilhosa e mais incrível que já existiu” (COPO-DE-LEITE).

“É a realização pessoal mais profunda de uma mulher” (FLOR-DE-LIS).

“Acho que ter filhos, que ser mãe é uma dádiva, é algo precioso” (MARGARIDA).

É interessante observar que poucas das respostas citam as palavras gravidez, dar luz a uma criança, demonstra dificuldade de se apropriarem do ato do nascimento, os nove meses de gravidez. Expõe facilmente à realização, o papel do cuidado, possuir uma família para um apoiar ao outro, a completude da vida adulta, as conquistas emocionais ao ser mãe, sentir-se vocacionada.

Aparece fortemente nos relatos sobre a concepção de maternidade, que a conduta da mulher é ser mãe. Discorrem que faz parte da vida e do desenvolvimento na experiência feminina, é a realização mais profunda que uma mulher pode experimentar, são das mães que o mundo subsiste, se as mulheres não aceitarem essa missão o mundo vai à falência, parece um rol de justificativas do porque escolheram ser mães. Ainda é possível observar, em suas falas sobre a formação cultural da mulher.

“Desde pequenas somos inseridas neste universo do cuidado, através das brincadeiras e brinquedos de casinha e bonecas. Fomos construídas para constituir família, parece que é uma vocação” (CEREJEIRA).

Chama a atenção a singularidade de Astromeia, que revela em sua compreensão sobre maternidade, aquilo que vivenciou enquanto filha. É percebida a importância que traz sobre a relação mãe e filho embalado pelo amor e proteção.

“Maternidade em minha opinião e trazer um ser ao mundo, cuidar, amar, proteger. É o que eu sentia e desejava enquanto era filha” (ASTROMÉIA).

Enfim, poucas falaram de um conceito mais formal, como por exemplo, mulher que gera e concebe a vida. Elas falam da transmissão do amor, afeto, momento único e especial na vida de uma mulher: pertence à conduta da mãe.

4.3.6Hierarquia das escolhas

Na hierarquia das escolhas, é marcante que a maioria das entrevistadas demonstra reconhecer o fator em relação ao poder de controle sobre seus corpos para reprodução e sobre os demais espaços de suas vidas. Trata-se de um assunto de relevância para elas, pois essa fase de planejamento revela-se mais concreta, traz

para si a responsabilidade por essa escolha, pelo contorno das contingências e não a um acontecimento casual.

A contemporaneidade proporcionou à mulher escolhas e toda escolha precisa ser consciente da responsabilidade, principalmente das consequências. Esta afirmação pode ser complementada com a afirmação feita por Erthal:

> O aumento da conscientização dos dados de sua experiência passa a ampliar suas opções existenciais; sua experiência passa por um crivo de avaliação própria, fazendo com que o risco não mais seja bloqueado para dar lugar a um vir a ser mais espontâneo e realizador. É a tentativa atualizante, antes bloqueada pelo medo e insegurança, que passa a se exprimir com mais clareza na atuação do ser. Sendo aceito [...] sente-se livre para deixar de lutar desesperadamente pelo apreço do outro, e passa a se ocupar mais de si mesmo (ERTHAL, apud CAMON 2005, p.135).

Para conquistar o mundo que deseja, foca-se prioritariamente no desenvolvimento de áreas específicas da vida, e, após a concretização desses outros projetos, se dispõem em decidir qual momento pertence à maternidade.

Margarida, Girassol e Flor-de-lis projetam em segundo lugar o melhor momento para ser mãe, põem como necessário que o relacionamento do cônjuge esteja satisfatório como também prontos para investir numa casa maior. Valorizam que “ser mãe é mais importante do que o sucesso profissional e social” e “conquista de uma casa maior”, é o suficiente para realização da maternidade.

Lírio, Astromeia e Tulipa planejam em 3° lugar serem mães, visam melhorar o amadurecimento do relacionamento conjugal, crescer satisfatoriamente na carreira profissional e a estabilidade financeira. Rosa e Cerejeira escolheram o 4° lugar, entretanto o enfatizam que as escolhas da hierarquia são flexíveis.

“Acredito que a hierarquia não é totalmente fechado, pois podemos fazer planos, mas precisamos estarmos atento de que a vida é uma caixinha de surpresas e precisamos estar minimamente preparado para ela”(CEREJEIRA).

Para Crisântemo planejar as hierarquias é complexo, pois se importa mais com as necessidades e oportunidades que surgem. Diz que pretende adiar ao máximo, até o amadurecimento do útero, se finaliza dizendo que se responsabiliza pelos riscos. Enfatiza que sua prioridade no momento é seu mestrado, a carreira profissional, ou seja, o sucesso no trabalho.

> Logo após meu mestrado, nem sei exatamente quando será. Eu me conheço que quando terminar o mestrado vou está empolgada para trabalhar e ai vou adiar cada vez mais. Hoje em dia você abdicar seu

> tempo para outra pessoa é raro. Hoje eu prefiro minha realização profissional. Se for colocar na hierarquia, pode ser quando souber que faltam 2 anos para meu útero amadurecer e não poder ser mãe. Sei que pode ser um risco. Hoje tenho 32 e posso ter filhos até os 44. Ou seja, acho que até quando meu físico disser que dar pra ir (CRISÂNTEMO).

Copo-de-leite, ao projetar a maternidade para ao futuro, aborda prioritariamente melhorar a qualidade de vida física e psicológica, a questão da conclusão do mestrado, trocar de emprego, almeja uma conjugalidade segura e bem estabelecida com seu marido. Ela enfatiza, ainda, o fato de ter concretizado a formação profissional e o casamento, aguarda apenas à conclusão do mestrado, e a partir de então assumir novos papéis e funções. Percebe que precisará melhorar a autoimagem e autoestima, principalmente em seguir recomendações médicas em relação à sua saúde.

Segundo, Barros (2008), não se pode afirmar que a mulher possui apenas um único modo de ser apresentar, pois assim fecha as possibilidades de existir e se apresentar para uma abertura para o mundo. Então ela abre sua existência para ser mulher, mãe e profissional.

Encontramos, nos relatos das entrevistadas dessa pesquisa quanto à relação com o projeto de maternidade, que atribuem grande valor ao seu percurso profissional. Elas reconhecem seu valor e potencial profissional, pois vislumbram o sucesso produtivo em suas áreas de atuação,

“Eu me conheço que quando terminar o mestrado vou está empolgada para trabalhar e ai vou adiar cada vez mais” (CRISÂNTEMO).

A estabilidade financeira é essencial, segundo as entrevistadas, revelam ainda que é a principal razão de ainda não serem mães. O projeto maternidade adiada por razões econômicas:

“Me sinto um pouco controladora, creio que seja logo depois do meu mestrado e da estabilidade financeira juntamente com meu marido. 1° Me formar, 2° Envolver em concurso públicos, especializar, pós graduação, 3° Mestrado, 4° Ser mãe” (CEREJEIRA).

Conforme já mencionado, as mulheres ressaltam a importância de uma boa vivência conjugal e estimam pela maturidade do casamento, por considerarem novos e com poucos anos de matrimônio. Valorizam a necessidade de possuírem definições claras e seus papéis familiares para compartilhar dos mesmos valores e interesses.

Sentir-se preparada faz parte do discurso para algumas entrevistadas, parece que não existe em si uma colocação hierárquica, pois sobre a saúde e as queixas psicológicas nunca se sabe quando haverá resolução. Não há mensuração de prazos para desfrutar de uma boa saúde física e psicológica, fica na eminência de melhoras para se realizar a maternidade, em tempo oportuno, como se não fossem diretamente responsáveis por isso.

“Sentir-me preparada é muito mais importante, isso valida em relação à saúde e minhas queixas emocionais, embora busque essas melhorias, nunca saberei quando serão resolvidas” (TULIPA).

4.3.7 Impasses e perspectivas

Ao questionar sobre o adiamento da maternidade frente a uma nova perspectiva que surge, as escolhas se divergem em múltiplas possibilidades.

Lírio, Flo-de-lis, Girassol, Astroméia e Tulipa dizem que quando tudo estiver preparado para engravidar, as conquistas financeiras e emocionais do casal já tiverem alcançado um patamar satisfatório, não haverá mais motivos para adiar.

“Não trocaria, é o meu grande sonho e nada do que eu queira para mim se compara ao meu desejo de ser mãe” (FLOR-DE-LIS).

Para adiar por um motivo ou outro, repetirão o mesmo por várias vezes. Nas falas explicam que se forem focar sempre nas condições financeiras e emocionais, nunca se sentirão prontas para engravidar. Girassol ainda ressalta que é uma justificativa insegura, faz com que prorroguem a vida toda.

“Não sei se trocaria. Se eu passar a vida toda e não achar que eu tenha condições financeiras e/ou emocionais para criar um filho prefiro não tê-lo, parece até uma justificativa para adiar a vida toda” (GIRASSOL).

A presença da angústia ela não deixa de existir. Cada escolha é um risco pela própria incerteza. Existir é escolher. A escolha é necessária e livre: o indivíduo para ser e existir precisa escolher (ERTHAL, 2004).

No entanto para Rosa, Crisântemo, Copo-de-leite, Cerejeira e Margarida, caso apareça uma nova oportunidade que implique na necessidade de adiar, é possível que prorroguem por mais tempo a gravidez.

“Trocaria. Dependendo da situação em que estarei vivendo, se mesmo formada na faculdade, ainda assim perceber que não terei uma estabilidade tanto financeira quanto psicológica, eu adiarei a escolha ou trocaria momentaneamente” (ROSA).

> As escolhas atribuídas às mulheres em ser mãe e profissional, acarretam mudanças e transformações não apenas no modo de ser, pensar e agir nas relações estabelecidas com o outro, como também mudanças biopsicossociais, contribuindo para a construção, reconstrução da identidade no contexto do qual está inserida em seu cotidiano (BARROS; ROCHA, p. 9, 2008).

Para aquelas que escolherão a possibilidade de adiar, diante de uma nova oportunidade de emprego, elas decidem melhorar potencialmente o salário para alcançar a estabilidade financeira tão sonhada, portanto pretendem estender o prazo para engravidar.

> Se eu engravidar de supressa, preciso aceitá-lo ou aceita-la. Tenho me preparado para depois de algumas conquistas necessárias. Mas, respondendo a pergunta diria que sim. Trocaria sim. Vivemos atualmente sob total controle de nossas escolhas, então percebo que nós mulheres sabemos qual é o melhor momento, mesmo que ainda algumas coisas não estão no eixo. Seria muito orgulho meu se caso eu dissesse que precisaria de um turbilhão de coisas antes do filho (a), isso para mim é uma conquista, pra ser mãe bem bem-aventurada. Se por um acaso receber uma maravilhosa porta de emprego, eu entro e deixo o filho para depois sim (CEREJEIRA).

Aparece no discurso de Copo-de-leite que não gostaria de compartilhar com as pessoas sobre sua escolha, preocupada com o que pensarão.

> Sim. Trocaria. só não falaria para ninguém me sentiria mal, que por dinheiro troquei por uma vida, essa troca não significa dessa forma para mim, quero dar o melhor para ele, mas as pessoas não entendem, mesmo. Para dar o melhor preciso ter condições possíveis para sustentá-lo. Claro o dinheiro não é tudo, tudo é amor, doação, carinho, tornar uma família.

O ato de adiar perpassa também pelo preparo emocional, tempo pela total dependência que um filho possui e aproveitar melhor o casamento a dois. Apesar de declararem que trocariam a maternidade por outra realização, há uma ambivalência de que o adiamento é momentâneo.

> Sim. Como disse na pergunta anterior. Hoje prefiro minha vida profissional e curtir bastante meu casamento, pois sei que quando o filho vier vai roubar nosso tempo. Claro se agente permitir, mas os primeiros anos são de bastante dependência. Acho que até lá agente vai está preparados (CRISÂNTEMO).

Quando se pergunta sobre mulheres que adiam ou abdicam a maternidade e qual opinião a respeito, relatam diversas possibilidades de justificativas, pelas quais decidem preparar o lar para a chegada da criança, pela auto avaliação do melhor momento, a mulher voltada mais à realização pessoal, pois as prioridades mudaram culturalmente, falta de tempo para o cuidado maternal, pressão social para ser bem sucedida financeiramente e sentir preparados para maternidade e paternidade.

É manifesto em todas as entrevistadas que se identificam com aquelas mulheres que adiam, porém para Crisântemo é a primeira vez que fala sobre sua duvida entre adiar ou abdicar, informação destoante das demais respostas.

> Eu oscilo sobre as duas. Preciso me encontrar comigo mesma junto com as minhas vontades e desejos. Quando na primeira pergunta, deseja ser mãe, sem hesitar respondi que sim. Mas quando penso na realidade da vida e as possibilidades de sofrimento, eu acabo pensando em desistir. É um sonho, mas preciso refletir se é ideal ou real (CRISÂNTEMO).

Em nenhuma fala, em relação às entrevistadas, apareceu como resultado abdicar-se de forma convicta da maternidade. Copo-de-leite, no entanto, revela seu respeito por aquelas mulheres que escolheram recusar a maternidade.

“[...] caso não queira ser mãe, recusar, é seu direito, melhor do que abandonar”. (COPO-DE-LEITE)

Para aquelas que se identificam com a maternidade tardia vemos respostas na primeira pessoa do singular (eu) como também na primeira pessoa do plural (nós), desta forma evidencia a apropriação desse lugar.

Àquelas mulheres que prorrogam o momento da gravidez, atribuem ao fato de planejar a maternidade para quando alcançar condições emocionais e financeiras.

“Entendo e respeito o adiamento da decisão, eu mesma estou adiando. Vejo isso como um benefício tanto para o casal quanto para o bebê, que encontrará um lar mais confortável e seguro” (FLOR-DE-LIS).

O fator conquista da realização pessoal mostra-se como prioridade na vida da mulher contemporânea traz como conseqüência o adiamento da maternidade.

“As prioridades mudaram e hoje percebe-se as mulheres mais focadas na realização pessoal do que na maternidade e até mesmo no casamento” (LÍRIO)

“Na atualidade as mulheres tem deixado a maternidade em ultimo plano, primeiro elas querem estudar, ter uma profissão, se casar, adquirir bens, e por ultimo ser mãe” (ASTROMÉIA).

Uma auto avaliação de que ainda não é o momento de ser mãe aparece no discurso das mulheres entrevistadas, quando enfrentam a necessidade de tempo, aparato financeiro, se responsabilizar por mais um papel, no cuidado materno mais efetivo.

> Anteriormente citei a questão principalmente da vida profissional da mulher, que muitas vezes é o fator maior que a faz recusar ou adiar a maternidade. No meu caso, a questão profissional é um dos casos que me fazem pensar em adiar um pouco o momento de ser mãe. Pois no meu projeto de vida, o fator ser mãe implicará em afastamento de atividades profissionais pelo menos por uns três anos. Pois quero muito me dedicar neste momento, nesta fase da vida do meu filho, onde ainda é totalmente dependente. Tenho muito receio em deixa-lo em creches ao cuidado de outras pessoas (TULIPA).
>
> Um filho exige praticamente que a pessoa pare a vida e viva para o filho.Com as possibilidades de crescimento profissional da atualidade, as pessoas querem viajar, ser livres, não ter tanta responsabilidade, poder se divertir em seu tempo livre, se dedicar mais a projetos pessoais... e tudo isso, um filho impede ou dificulta muito acontecer. Por isso muitas adiam ou desistem de ser mãe (GIRASSOL).

Acreditam que apesar de ser uma decisão muito singular, atualmente as mulheres possuem muito mais opções acerca de seu futuro e isso lhes abriu um leque de possibilidades. Refletem que as escolhas irão depender do projeto de vida que cada uma deseja alcançar, baseado em suas representações sociais e no lugar que ocupa em sua sociedade.

> Adiar eu também faria o mesmo, agora recusar não. Me vejo que serei uma excelente mãe. A história de vida de casa mulher que faz a escolha sendo para recusar quanto para adiar. Eu apoio as mulheres que adiam, sem discriminação, elas tem todo o direito. Em nome da minha felicidade eu não seria mãe apenas, só pela minha vontade. preciso pensar na criança também. Ser mãe é uma escolha (CEREJEIRA).

Outro motivo que apresentam para a postergação da maternidade é a pressão social para que sejam mulheres bem sucedidas financeiramente. Porém Margarida questiona a mulher ter que corresponder às exigências sociais.

> As condições da atualidade tem feito com que adiem. Pois a pressão para a mulher ser bem sucedida financeiramente é alta. E a necessidade de ajudar no lar é real, por tanto temos que estar bem para ser mãe, pois saberemos que teremos que nos desdobrar em várias para fazer tudo bem feito (ROSA).
>
> Acho que a vida profissional traz coisas muito boas para algumas mulheres, acho que traz reconhecimento, independência financeira, status. Infelizmente se dedicar muito à família saiu de moda[...] Infelizmente há uma ênfase tão grande à profissão, que às vezes o que fica de lado é a própria saúde e a família. Respeito quem faz essa escolha, mas não é o que eu quero para mim (MARGARIDA).

O sentimento de despreparo aparece bastante no decorrer das entrevistas, sempre se remete ao futuro quando se busca o melhor para si e a criança.

A função de se preparar como mãe segue sobre controle do corpo da mulher que governa a si mesma, através de métodos contraceptivos. Por tanto se descobre na possibilidade de escolher prorrogar, sem anular seus desejos maternos para o futuro.

> A partir do momento que a mulher escolhe ou se percebe na condição de ser mãe são muitas as responsabilidades atribuídas ao novo papel. Responsabilidades atribuídas pela sociedade, e também por si mesma, cobrando e se fazendo cobrar ser uma provedora das necessidades afetivas e materiais deste novo ser que se apresenta, responsabilizando-se assim, por cuidar, alimentar, educar, amar e formar um cidadão para a sociedade. Afinal, o ato de estabelecer escolhas frente aos processos de vida promove diretamente a idéia de ter que se responsabilizar por estas (BARROS; ROCHA, p. 10, 2008).

4.3.8 Fatores contribuintes para mulher para a escolha da maternidade

Diante dos fatores contribuintes, as entrevistas enfatizaram em suas falas os impactos, benefícios e conquistas para a vida da mulher. A partir da maternidade os resultados envolvem: se realizar enquanto pessoa, ter família grande, ser feliz, desfrutar do amor incondicional e motivação por experiência de outras pessoas.

A realização enquanto pessoa está bem presente na fala das entrevistadas dessa pesquisa, dizem que é um sonho desde a infância e também possuem concepções de família, cujo aprendizado e construção foram por influência social.

“A meta humana fundamental é a auto realização, ou individuação, que se reflete na busca constante de reestruturação de valores- expressão máxima de liberdade” (ERTHAL, p. 66, 2005).

As mulheres entrevistadas trás em suas falas sobre a contribuição das brincadeiras da infância e de sua inserção em sociedade. Segundo Erthal (2005), esclarece que a liberdade irá favorecer a auto realização, que por sua vez incentivará na escolha daquilo que lhe trouxe significado desde a infância (momento de criação do projeto original) ou por influencias sociais.

“Fatores existem aos montes, mas o fator essencial é realizar o sonho de infância, toda menina quer casar e ter muitos e muitos filhos” (COPO-DE-LEITE).

“Desejo pessoal adquirido com base em uma construção subjetiva no qual o grupo familiar e cultural contribuiu significativamente” (CEREJEIRA).

O desejo de família grande é a forma de idealização para Copo-de-leite, Flor-de-lis e também para Rosa.

“Eu sempre sonhei em ter uma família grande, linda” (COPO-DE-LEITE).

“Querer ter uma família maior” (ROSA).

A felicidade apareceu como fator contribuinte, foi perceptível até no tom de voz que elas transmitiram ao falar da vivência da maternidade, com sorriso nos lábios e os olhos brilhantes. Elas almejam desfrutar da felicidade na relação mãe e filho.

“É a felicidade viva que uma mulher pode experimentar” (MARGARIDA).

Desfrutar do amor incondicional aparece na fala das entrevistadas, a maternidade é um momento especial que pode dar a mulher oportunidades de vivenciar o que amor proporciona.

“Vivenciar o amor incondicional, deve ser uma sensação incrível, eu me permito sentir isso com certeza” (LÍRIO).

Motivada pela experiência de outras pessoas. Este é um dos fatores que contribuiu para a escolha da maternidade, pois ouviram dizer sobre a preciosidade em viver a maternidade, que os filhos não servem para apenas dar trabalho, que a responsabilidade pesa e ser mãe amadurece a mulher.

> Observar os impactos da maternidade sobre pessoas próximas, fazem ver que filhos são jóias preciosas e não simplesmente que "dão trabalho" como costumo ouvir. Eu acredito que a maternidade deixa a mulher mais madura para vida, na relação mãe e filho ela vai se despertando para as experiências da vida (MARGARIDA).

Ressaltaram sobre a opção das mulheres que não escolhem ser mães, pois acreditam que atribuem ao filho a perda de produtividade e a possibilidade de atrapalhar a carreira profissional. Tulipa identifica essas mulheres como egoístas e ambiciosas.

> Muitos fatores influenciam tanto a opção por ser mãe, quanto a opção por não ser. Acredito que isto também é influenciado também pelas relações familiares vividas pela mulher na sua infância e adolescência, a forma como ela constrói a sua concepção de família. Acredito também que um fator que atualmente tem influenciado muitas mulheres a optarem por não serem mães, é a escolha por uma carreira profissional mais visionária para si mesmas e ambiciosas, que requer muita dedicação (TULIPA).

Crisântemo relata sobre o contexto atual do mundo, onde a criança não merece nascer nas condições que se encontra. Ela demonstra preocupação com a violência, as doenças, e sofrimento cotidiano em que a criança será inserida. Essa é a única fala que difere das demais entrevistadas.

Crisântemo ainda apresenta a adoção como solução para vivenciar a maternidade, pensa não ser necessário nascerem mais crianças, pois pode oferecer mínima possibilidade aquelas que pelas circunstancias da vida está sob adoção.

> "Nenhum, atualmente, se pensar na violência, nos abusos sexuais, na desgraça que está o planeja seria uma injustiça trazer uma criança ao mundo. Às vezes penso que trazer uma criança ao mundo é egoísmo dos pais, pelo nosso bel prazer, nem sabemos que se ele ou ela irá sofrer de dor de doenças ou da violência. Ninguém está imune a nada, mas livrar um bebe desse mundo seria muito bom. Se eu continuar pensando na maldade dos tempos atuais, acho que realizarei meu sonho de ser mãe de outra forma. Adotar quem já está no mundo pode ser uma excelente posição".

É possível observar que em nenhuma das outras respostas a adoção foi uma questão levantada. Ela trouxe através de sua fala a realidade tão cruel cotidiana, demonstrou distanciada de fantasias do desejo da maternidade vinculada apenas ao reduto fechado familiar.

4.3.9 Condições estruturantes da função materna

Essa unidade de significado revelou que existem condições indispensáveis para função materna, entre elas a estabilidade emocional, sentir-se segura, condição financeira adequada, tempo para dedicação à criança, melhorar a autoimagem e autoestima, e a harmonia conjugal.

Tais aspectos emocionais indicados nos próprios relatos estão atrelados ao preparo de lidar com um bebê e lhe proporcionar um ambiente nutritivo para o seu crescimento físico e emocional.

Sentir-se despreparada emocionalmente é o risco para a vida da criança, e ainda revelam a necessidade de exercer com segurança a maternidade, preocupadas em demonstrar a possível incapacidade de dar conta de outro ser.

"Preparada emocionalmente. Posso até dizer que a insegurança é intensa, se existe uma mãe idealizada é aquela totalmente segura de si e preparada para lhe dar com

suas incapacidades e frustrações. Essa mulher será uma mãe maravilhosa" (GIRASSOL).

Priorizam a estabilidade emocional, pois compreendem que a sensação de segurança irá aparecer enquanto contemplam a barriga crescer, ou seja, consolidar a segurança enquanto se torna mãe.

> Antes eu preciso me sentir segura para essa decisão. Talvez eu me sinta segura enquanto a barriga vai crescendo, enquanto vou sendo mãe, porque se eu esperar segurança interna, vou protelando, protelando, até desistir, não é confortável eu me confrontar e dizer: seja segura, vai anda a decisão está em suas mãos. É difícil, mas acho que vou conquistando a segurança aos poucos enquanto vou sendo mãe (COPO-DE-LEITE).

A condição financeira surge novamente na fala das entrevistadas, como parte estruturante de suas escolhas, no entanto mesmo com reaparecimento desse discurso elas priorizam a qualidade emocional para o papel da maternidade.

Consideram que a maturidade e a segurança do papel materno são construídas através da relação mãe e filho e que sentir-se totalmente preparada é uma ilusão.

> [...] acredito que é necessário certa maturidade como mulher, penso que é importante sentirmos essa maturidade e segurança. Certamente a maternidade é também uma construção, onde se aprende e cresce a cada dia e que ninguém está totalmente preparada (TULIPA).

Preocupam-se em não terem tempo suficiente para o cuidado do bebê por estarem envolvidas em suas carreiras profissionais. Para isso almejam, principalmente a Margarida, que alcance carga horária de 30 horas semanais, juntamente com o marido, para que juntos eduquem o filho para acompanhar o processo de crescimento da criança.

Elas trazem à tona seus medos e inseguranças quando falam em melhorar a autoestima e autoimagem. Ficam atentas ao peso ideal, às transformações das relações sociais e desejos de que o filho não repita suas manias. Envolvem-se em fantasias de não ter capacidade de ser uma boa mãe, uma mãe idealizada e perfeita.

> Eu particularmente quero melhor meu humor, minha decisões, minha autoestima comigo mesma antes que o bebe venha, quero ser uma pessoa melhor para ele ou ela, para não repetir minhas manias, minhas angustias. Sou retraída emocionalmente, tenho dificuldade de expressar quem sou, do que penso, mesmo que muitas pessoas acham que sou segura, firme, decidida, mas não sabem o que de fato está dentro de mim, nem sei nomear ainda, talvez seja a incapacidade de dar conta de um ser, estabilidade emocional, insegurança(CRISÂNTEMO).

Ao depositar muita expectativa sobre o eu-ideal, ela não percebe o sentido verdadeiro da vida. Sempre projeta alguém perfeito e, desta forma, se distancia do eu-real. Quando passa a perceber o fracasso do projeto vê quão realista precisa ser e convivi com as possibilidades ao seu alcance. Quando o projeto é aceito de forma realista, a pessoa não sofre ansiosa, nem se sente fracassado, caso contrário, o projeto idealizado torna-se prejudicial. (ERTHAL, 2004).

A participação do marido-pai se faz importante para Rosa e Astroméia. Assim como as condições emocionais, financeiras e de maturidade são necessárias para esposa-mãe-profissional, se entende a integração do pai também na vida da criança.

> Em harmonia com meu esposo, pois é decisão das duas partes. Mesmo a mulher no papel de mãe é a peça importante no cenário familiar, o esposo também precisa ter. Nós dois desejamos uma família saudável, tomaremos decisões juntos em prol da felicidade do nosso lar (ASTROMÉLIA).

Enfim, os aspectos de importância, para as entrevistadas, que para a vida da mulher a maternidade é uma conquista pessoal, pois contribui para se realizar enquanto pessoa. A felicidade perpassa na realização pessoal, remetem a felicidade com a vivência mais sublime que existe. Desfrutar do amor na relação mãe-filho é um fator que alimenta a alma. Outro fator é de se sentirem motivadas pelas experiências de outras pessoas.

4.3.10 Autonomia de escolha

É interessante observar a singularidade de Astroméia, uma vez que apresenta concepção de autonomia diferente das demais entrevistadas sobre o momento de engravidar. Importa-se com a posição do esposo sobre a decisão de ter filhos, todavia a resposta final parte dela.

> Sim, no final de contas o corpo que irá receber o bebê será o meu, claro que com o consentimento do meu esposo. Mas no final de contas acaba sendo nós mulheres que sentimos que será o momento. Quando o esposo pergunta já é hora quem dará a resposta final serei eu. Não farei nada sem meu próprio consentimento e depois do meu marido, tudo precisa está em consonância.

As demais, por sua vez, não sentem liberdade de tomarem a decisão de engravidar sozinhas. As entrevistadas mencionam as dificuldades que teriam se apostassem apenas em si mesmas. Mesmo com toda demonstração de independência, não se veem no papel de escolherem sozinhas pela maternidade.

A participação e aprovação do marido são bastante enfatizadas pelas entrevistadas. Ressaltam que o homem também tem o direito de escolha sobre a maternidade, e que sem a adesão dele começaria errado. Elas valorizam o posicionamento do esposo.

> Não. Embora meu marido também tenha o desejo de ser pai, não teria filhos sem que esse fosse um desejo dele também. Acho que a tarefa de um pai ou de uma mãe se torna muito difícil sem apoio, acho que não é algo para se fazer sozinho, mas pelo menos em dois. Não escolheria cuidar sozinha dos nossos filhos, seria ruim para eles e para mim também (MARGARIDA).

Inserir o esposo é fazer com que ele se sinta participante do processo da escolha pela paternidade, atribuir a responsabilidades a ele também.

“Não, preciso tomar essa decisão juntamente com meu esposo. Aliás, ele será pai e precisa fazer essa escolha em conjunto. Isso será importante para ele também de se sentir participante, não somente com o esperma, mas com a escolha de ser pai” (CEREJEIRA).

“A participação do esposo é essencial, conhecer qual o desejo do pai, eu acho que o torna mais responsável, assim irá cumprir uma paternidade presente. Eu e meu marido já conversamos sobre isso desde o nosso namoro [...]” (COPO-DE-LEITE).

A valorização do diálogo, consenso e consentimento de ambos está bastante presente na fala das entrevistadas, evidenciam que no casamento é muito importante ser transparente em relação a planejamentos futuros para evitar conflitos conjugais.

> Se tratando de uma pessoa casada, penso que é importante que seja tudo muito conversado, a respeito do momento para se ter um filho para que haja acordo e consequentemente um ambiente propício para a chegada de uma criança [...]. Acredito que haveria problemas caso, por exemplo, meu esposo desejasse muito ser pai e eu não desejasse ser mãe, ou vice – versa. Por isso é muito importante o diálogo, não existe um chefe de família, pois é um casamento de iguais (TULIPA).

Ao se prepararem para a chegada do bebê juntos promovem o fortalecimento do vínculo conjugal, de tal forma que potencializa um bom ambiente para a criança. A vivência conflituosa no casamento irá influenciar na vida do filho, segundo a fala das entrevistadas.

“Para nascer alguém precisa de dois “alguens” preparados e seguros desse ato de amor e doação. A criança precisa de um lar feliz, próprio e desejado. Se desde a concepção do filho houver conflitos, isso não é adequado para a criança” (CRISÂNTEMO).

No desejo de inserir o marido, não pode ser um comportamento para reduzir sua responsabilidade, pois negará sua liberdade para culpabilizar a outro por quaisquer fracassos na relação mãe e filho.

“É sozinho que o sujeito terá que eleger e realizar seu projeto de vida. Cabe a ele, e somente a ele, se responsabilizar pela sua escolha” (ERTHAL, p. 68, 2005).

4.3.11 Identificações maternais

Ao tratar das identificações maternais, as entrevistadas trazem pontos negativos e positivos dessa mãe moderna que se apresenta. Retrata o contexto social, conjugalidade, rotina domestica, crescimento pessoal como constante conquista feminina. Enfim, seu modo de ser frente à maternidade e dentre outros papeis sociais.

Ao falar de suas identificações elas trazem consigo intolerâncias e idealizações de mãe, influenciadas pelos conceitos expressos na mídia e do bom desempenho da relação mãe-filho. Para Rosa e Margarida, por exemplo, as mulheres atuais priorizam o trabalho ao invés os filhos.

“Não sei ao certo. Mas hoje as mães que conheço, até mesmo por influencias da mídia e da cultura atual, perdem vários momentos preciosos, como: primeira palavra, primeiro passinho e etc. Perdem esses momentos para a creche ou familiares” (ROSA).

> Acho que tem mães que vivem de modo parcial a experiência da maternidade, experimentando sustentar financeiramente seus filhos, mas delegando seu cuidado e sua educação a outras pessoas, seja na família - avó, tia, na creche ou na casa, através de babá (MARGARIDA).

A identidade da mulher moderna passou por muitas transformações, hoje são mais envolvidas até na forma de vivenciar a maternidade e outras configurações sociais onde ela é inserida. Flor-de-lis, Cerejeira, Copo-de-leite e Lírio, se identificam com aquelas mulheres que são resolutivas e realizadoras, se dividem em muitos afazeres e papeis sociais de forma confiante e segura.

> “[...] quando vejo mãe que trabalham, estudam, dedicada, envolvida até com outros grupos, por exemplo, ginástica ou ioga. Me identifico com mulheres ativas, evolvidas, mente aberta, que enfrenta novos desafios a cada dia e comemora todos eles” (FLOR-DE-LIS).

Margarida, diz de um modelo de mãe, diferente do que ela projeta para si. Da mesma forma que cita um modelo de mãe independente que cuidam dos filhos sozinhas, valoriza o fato de se dividir em várias papéis como também o de pai.

> Eu acho que hoje existem várias formas de vivenciar a maternidade, de tal forma que é até complicado dizer hoje o que é ser mãe, pois existem várias respostas. Acho que hoje tem mães independentes, que vivenciam a maternidade sozinha, com ou sem marido/companheiro, tendo que exercer a função deles também (MARGARIDA).

A maternidade idealizada é o perfil da boa mãe, que representa ao máximo a afetividade na relação com seu filho, através da dedicação e atenção. Esse modelo de mãe é aquela que garante o sustento do filho emocionalmente, fisicamente quando trabalha para dedicar uma excelente qualidade de vida para o filho. Sente-se responsável pelo bem estar físico e emocional da criança.

“Me identifico com a mulher e mãe carinhosa, educadora e amiga. Mãe acolhedora, cuidadosa, responsável pelo bem estar físico e emocional da futura criança” (GIRASSOL).

Uma das características estimada pelas entrevistadas é a mãe carinhosa, portanto se antecipam com a preocupação contra aquelas mães super protetoras que deixa os filhos aprisionados para a si.

> Identifico-me com aquelas educadoras, amorosas, pacientes, alegres, criativas. Digo isso porque já penso no futuro dele, me preocupo no que ele vai se tornar, qual caráter vai ter e se vai fazer bem para o mundo. Acredito que o amor e a dedicação influenciam totalmente na vida da criança (CRISÂNTEMO).

“Acho que aquele tipo mãezona, coruja e amiga, sem ser superprotetora, desta forma me identifico bastante. A superproteção não permite o filho crescer livre” (TULIPA).

Ao associar a missão materna ao amor e ao carinho, pensam na responsabilidade que possuem pelo futuro do filho, no que tange a uma auto exigência,pode influenciar na formação do caráter e no destino da vida do filho.

> A partir do momento que a mulher escolhe ou se percebe na condição de ser mãe são muitas as responsabilidades atribuídas ao novo papel. Responsabilidades atribuídas pela sociedade, e também por si mesma, cobrando e se fazendo cobrar ser uma provedora das necessidades afetivas e materiais deste novo ser que se apresenta, responsabilizando-se assim, por cuidar, alimentar, educar, amar e formar um cidadão para a sociedade. Afinal, o ato de estabelecer escolhas frente aos processos de vida promove diretamente a ideia de ter que se responsabilizar por estas (BARROS;ROCHA, p. 10, 2008).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No ensaio de propor um desfecho sobre o tema, o pesquisador e as entrevistadas reconhecem que estabelecer respostas sobre o processo de escolha pela maternidade parte de uma construção social, atravessada pelas relações sociais num determinado contexto, tempo e espaço, e, desta maneira, o tema nunca se esgotará.

Esse estudo baseou-se no olhar psicológico existencial, que tornou possível buscar a essência ao utilizar a redução fenomenológica diante das entrevistadas, para compreendê-las em suas concepções de projeto e da relação com a escolha em ser mãe.

As mulheres protagonistas de suas histórias abrilhantaram essa pesquisa com suas percepções e vivencias ao compartilhar a elaboração dos projetos de vida ao informarem quais fatores que contribuem para a escolha da maternidade, como também a compreensão que têm diante da interface do papel social e individual como possibilidade de escolha.

Apontaram também a influência do mercado de trabalho, econômica, meios de comunicação e da construção sociocultural na escolha pela maternidade e consideraram o processo de escolhas atribuídas articulações entre ser mulher e ser mãe na contemporaneidade.

Em suma, por meio do instrumento de coleta de dados desta pesquisa chegamos às unidades de significado, onde emergiu dos relatos a essência do que é ser mãe implicado de como se dá o processo de escolha pela maternidade e os sentimentos existentes reis ali expressos.

As entrevistadas consideram possível a existência do projeto da maternidade e apontaram que 34 anos à média da idade ideal para engravidar. É importante focar que nenhuma delas hesitou em expressar as perspectivas para o futuro.

Para viver o cenário idealizado, as entrevistadas exigem condições implicadas ao tornar-se mãe e ao processo de escolha, que se configuram em: construir uma carreira profissional; preocupam-se com a qualidade de vida que desejam proporcionar aos seus filhos e enquanto futuras mães; a necessidade de se prepararem emocionalmente para não atrapalhar na criação dos filhos; o impacto na

qualidade emocional do filho. Algumas delas associam o preparo emocional com a maturidade emocional para enfrentar o desafio e a responsabilidade da maternidade.

Elas pretendem diminuir o ritmo de trabalho quando chegar o momento de engravidar, pois evidenciam que o tempo é muito precioso na vida de uma criança, principalmente que para educar, cuidar e orientar na formação de caráter, desta forma, elas priorizam o investimento de tempo de qualidade como linguagem de amor na relação mãe e filho.

Em todo processo de escolha, elas impõe uma grande necessidade de se organizarem, porém não sozinhas, elas inserem o marido como participante desse processo. Que ele também possua metas financeiras, emocionais e reduza carga horária de trabalho para a chegada do filho. Acreditam que na ausência do pai nesse processo pode afetar a vida da criança.

A experiência da maternidade é embalada de comportamentos e sentimentos que podem influenciar no momento de decisão pela maternidade. Desta forma, para as entrevistadas os significados elencados são o amor, dedicação, responsabilidade, entrega, esses significados são o suporte as demandas das crianças e sua participação indispensável na vida da criança.

Os sentimentos evocados pela caracterização da maternidade são, principalmente, boas emoções, o afeto e a alegria em ser mãe. A felicidade é o sentimento que mais consideram como aquele que representa o que é ser mãe e uma das fases mais incríveis na vida de uma mulher.

Ao abordar a concepção de maternidade, elas se apropriam do lugar materno como integrante da realização pessoal, sonham em ser mãe desde a infância, enquanto brincavam de boneca, hoje entendem que estavam em treinamento para a maternidade. Essa é a realização mais profunda que uma mulher vivencia em sua existência.

O olhar para maternidade é intensamente romantizado, pelas entrevistadas, no ponto de vista de que é um presente que recebeu, é uma dádiva, todas as mulheres precisam experimentar a maternidade.

Elas remetem a criação e o modelo de suas mães ao conceituar a maternidade como fonte de experiência.

Através dos processos hierárquicos da vida, elas se exigem muito na organização em arranjos bem detalhados das escolhas de suas vidas. Na tentativa de controlar a reprodução e o destino de sua história, elas demonstram pouca flexibilidade na concretização das escolhas, revelam, portanto, um planejamento fantasioso. Em relação aos projetos futuros, elas estão imersas em fantasias, pode ser uma forma de camuflar suas inseguranças decorrentes da dificuldade entre a maturidade e preparo na interação mãe e filho.

Ao se referir o adiamento da maternidade elas possuem um discurso bastante contemporâneo, onde priorizam o reconhecimento e as exigências do mercado de trabalho. Do mesmo modo para conquistas de si, valorizam alcançar o patamar satisfatório para assim decidir engravidar. Mesmo apaixonadas pela ideia da maternidade, atualmente preferem investir no relacionamento conjugal e se ingressarem no mestrado e doutorado.

Elas possuem uma visão negativa àquelas mulheres que não desejam ser mães, pois imaginam que elas atribuem ao filho a perda de produtividade na carreira profissional, ainda as chamam de ambiciosas por essa atitude individualista. Apenas uma das entrevistadas reflete a cerca do mundo atual, de como tem estado violento, o surgimento de novas doenças e demonstra sua sensibilidade com o cotidiano. O nascimento de uma criança nesse cenário, talvez não seja uma boa ideia, sugere então a adoção.

Ao abordar as condições que almejam estarem para exercer função materna, elas se revelam inseguras, pois necessitam ir à luta das resoluções de problemas antes da chegada do bebê. Se veem fragilizadas financeiramente e no tempo para dedicação à criança, dizem também das fragilidades na autoimagem e autoestima, e na harmonia conjugal. Com a capacidade de resolver as vulnerabilidades do casal é possível que se sentirão preparados para o desafio do filho.

No que concerne às identificações maternas elas elencam pontos positivos e negativos, assim como intolerâncias e idealizações. Elas falam que se sentem influenciadas pelos meios de comunicações em relação aos modelos da perfeição feminina. Identificam-se com mulheres que dão conta de ser mãe, esposa, profissional e outros possíveis papéis sociais. Possuem alto grau de idealização, de acordo com um perfil de mãe boa, carinhosa, dedicada, protetora, enfim responsável

pelo bem estar físico e emocional da criança. Para as entrevistadas da pesquisa, o amor é a característica imprescindível para maternidade.

A pesquisa superou expectativas, responder para além dos objetivos esperados. Por exemplo, no aparecimento do fenômeno do casal igualitário, fenômeno contemporâneo onde às responsabilidades são compartilhadas de igual modo, sem pesar sobre elas a maioria dos encargos maternos após o nascimento do bebê.

A experiência da pesquisa possibilitou a aproximação e a reflexão sobre a construção do projeto de maternidade na atualidade, à luz de pressupostos existenciais e vivenciadas por mulheres que ainda terão seus filhos, remeter suas reflexões à dimensão psicológica, social, cultural.

As entrevistadas gentilmente compartilharam suas escolhas, demandas e vivencias, colaborou com novas descobertas e possibilidades em prol do fortalecimento e desenvolvimento do saber científico, como também trouxeram reflexões e repostas para os anseios da psicologia.

É evidente que não existem respostas para todas as perguntas, mas com pesquisas nesse sentido investigativo sobre a vivência de mulheres, proporcionam-se novas oportunidades de fomentar produções de intervenção no setting terapêutico, como também aos pesquisadores interessados em se aventurarem no aprofundamento do tema.

A principal limitação da pesquisa foi encontrar mulheres que não almejam serem mães, a fim de criar um grupo de controle. Com essa presença, seria possível elencar outras percepções sobre como se deu o processo de convicção, motivos pelo qual se abdica da maternidade e, por fim, comparar com o fala daquelas que almejam se tornar mães.

Duas sugestões possíveis que surgiram a partir desse trabalho podem ser descritas como: em primeiro lugar, promover um espaço de reflexão em que as entrevistadas pudessem falar sobre as possibilidades de transformações na identidade, personalidade, no modo de ser mulher em comparação com o papel de mãe.

Em segundo lugar, sugere-se que novas pesquisas, possam enfatizar, especificamente, o fenômeno da maternidade tardia, analisar como as mulheres vivenciam a relação do desejo de ser mãe, o amadurecimento biológico e a participação do marido.

De acordo com as expectativas da observadora, foi possível caminhar sobre um jardim florido, inicialmente desconhecido, do projeto de maternidade para mulheres da atualidade, que se traduziu na apreciação mais profunda do tema, que permite a observação do fenômeno sob redução fenomenológica. Fez-se necessário, deste modo, que a mulher, em construção do projeto de maternidade, seja entendida como o ser que é, submergida na compreensão de sua própria existência, reconhecer sua possibilidade de se perceber na relação com o outro e com o mundo.

Torna-se mulher enquanto construção social, que desenvolve a partir da experiência vivida na relação com o outro, num espaço, tempo e contexto. Conforme o pressuposto da filósofa existencialista, Simone Beauvoir, é possível considerar que: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p.9).

Ao se apropriar dessa concepção, é possível considerar que ninguém nasce mãe: torna-se mãe através dos processos socioculturais em que estiver inserida, e, desta forma, constrói seu projeto de ser mãe através das múltiplas vivencias e possibilidades de um existir infinito em sua plenitude.

No decorrer da pesquisa procurou-se identificar caminhos que explicasse a problemática de como as mulheres compreendem e elaboram o processo de escolha da maternidade na atualidade. A espontaneidade e o envolvimento reflexivo das entrevistadas evidenciou que ser mãe é um processo significativo que vivenciarão um dia, no sentido de tornar-se prático aquilo que anteriormente era apenas teórico.

REFERÊNCIAS

AMATUZZI, M. M**. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica**. *Estudos de Psicologia.* p. 5-10Campinas,1996.

_____**Pesquisa fenomenológica em Psicologia**. In M. A. Toledo Bruns& A. F. Holanda (Orgs.), Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas (pp.17-16). Campinas: Alínea, 2003.

ARBACHE, J. Transformação demográfica e competitividade internacional da economia brasileira.**Revista do BNDES**, 36, 365-392, 2011. Disponível em:<http://www.bndespar.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/revista/Rev3610.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2015

ARIÈS, P. **História social da criança e da família** (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981. Disponível em: <http://www.academia.edu/3205764/Hist%C3%B3ria_social_da_crian%C3%A7a_e_da_fam%C3%ADlia>. Acesso em: 20 Fev. 2015.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno . Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985. Disponível em: <http://www.redeblh.fiocruz.br/media/livrodigital%20(pdf)%20(rev).pdf >. Acesso em: 15 Ago 2014.

BARDUCHI, A. L. J.**Projeto de vida:** um jeito de estar no mundo. In(Org.).Desenvolvimento pessoal e profissional. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 17.

BARBOSA, P. Z; ROCHA, C M. L. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Rev. Psicologia Clínica**, 19(1), 163-185. . (2007). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/12.pdf>Acesso em: 15 Ago 2014.

BARROS. N.J.; ROCHA M. S. **Mulher, mãe e profissional:** uma breve discussão sobre o reflexo dessas escolhas no modo de ser mulher. Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, 2008. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/kaleidoscopio/artigos/volume2/mulhe_mae_e_profissional_uma_breve_discussao_sobre_o_reflexo_dessas_escolhas_no_modo_de_ser.pdf.> Acesso em: 30 jun. 2014

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. V. II. A Experiência Vivida. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

_____**O segundo sexo:** A experiência vivida. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BONINI, V., **A. Definidas pela negação, construídas na afirmação: a perspectiva de mulheres não mães sobre a maternidade e seu projeto de *vida.*** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF. Senado Federal. Centro Gráfico, 292,1988.

_____.**Emenda Constitucional** Brasília, DF. Senado Federal Nº 26 *Altera a redação do art. 6º da Constituição Federal. 2000*

_____. **Ministério da Saúde**. Grupo Hospitalar Conceição. Gerência de Saúde Comunitária Atenção à saúde da gestante em APS / organização de Maria Lucia Medeiros Lenz, Rui Flores. – Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, p. 240, 2011.

_____. **Ministério da Saúde**. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher . Brasília, DF, 2001. Disponível em: < http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd04_13.pdf >. Acesso em 30 set 2014.

_____. **Ministério da Saúde**. Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Criança e da Mulher – PNDS 2006 : Dimensões do processo reprodutivo e da saúde da criança/ Ministério da Saúde, Centro Brasileiro de Análise e Planejamento. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 300 p. : il. – (Série G. Estatística e Informação em Saúde)

_____. **Ministério da Saúde**. Pesquisa Nacional de demografia e Saúde da criança e da mulher. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/pnds/fecundidade.php >. Acesso em: 30 ago. 2014

VILELA, AM. SATO, L., orgs. **Diálogos em psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. 482 p. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 12 fev. 2015

CAMARGO, M. F. Maternidade: simples assim?. Sapere Aude-**Revista de Filosofia**, v. 4, n. 7, p. 477-482, 2013. Disponível em :<http://200.229.32.55/index.php/SapereAude/article/view/5592> Acesso em: 20 Jun. 2014

CAMON, V. A. A**. Suicídio:** fragmentos de psicoterapia existencial. São Paulo: ed. Pioneira, 2002b.

CAMON, V. A. A**. Psicoterapia existencial**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2002 a.

CARNEIRO **Família e casal:** efeitos da contemporaneidade /organização: Terezinha Feres-Carneiro. – Rio de Janeiro : Ed. PUC-Rio, 2005.

CARNEIRO, T. F. **Família e casal:** arranjos e demandas contemporâneas. São Paulo: Loyola, 2003

CHODOROW, N. **Estrutura familiar e personalidade feminina**. In M. Z. Rosaldo & L. Lamphere (Org.), A mulher, a cultura, a sociedade (pp. 65-94). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

COLLING, A. M.. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997

COSTA, CRUZ I, CRUZ P, MONTEIRO, RIBEIRO. **A visão da mulher na antropologia:** mitos da criação e crenças em relação à gravidez. Escola superior de enfermagem de viseu - 30 anos. 2000

COSTA. S. A. L; CUNHA, C. A.**Representações Sociais de Família para um grupo de Professoras**. *Psic* [online]. 2005, vol.6, n.2, pp. 01-09. ISSN 1676-7314. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1676-73142005000200002&script=sci_arttext> Acesso em: 03. Fev. 2015

DEL PRIORI, M. 1995. **Ao Sul do Corpo:** Condição Feminina, Maternidades e Mentalidades no Brasil Colônia. José Olympio Editores, Rio de Janeiro, 358 p. Disponível: http://www.ipv.pt/millenium/Millenium30/Enferm Viseu. [Internet]. 2004;30 [acesso em 13 maio 2014].

DONZELOT, J*. **A Polícia das Famílias**.* Graal, Rio de Janeiro, 1986.

ENGELS, F. 1981 [1884]. **Da barbárie à civilização**. En: A Origem da Família, da

ERTHAL, Tereza Cristina Saldanha. Psicoterapia vivencial: uma abordagem existencial em psicoterapia. Campinas: Livro Pleno, 2004, p. 56-62.

FARIAS, MARCILENE NASCIMENTO de. F224f **Feminismo e Religião:** as representações sobre o feminismo na revista Servas do Senhor (1960-2000) / Marcilene Nascimento de Farias. Dourados, MS: UFGD, 2011. 186 f.

FEIJOO, A. M.L.C**. A escuta e a fala em psicoterapia:** uma proposta fenomenológico-existencial. São Paulo: Vetor, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI:** O dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIDALGO, L. A **(Re) construir a maternidade**- Ed Piaget, 2003).

FLEING, J. **"Mães desdobráveis**" experiências e memórias da maternidade na segunda metade do século XX. Curitiba, 2009

FORGHIERI, Y. C. **Aconselhamento Terapêutico:** Origens, fundamentos e prática.

FROTA, BIÃO. **A dimensão existencial da pessoa humana, o dano Existencial e o dano ao projeto de vida:** reflexões À luz do direito comparado. Cadernos da Escola de Direito e Relações Internacionais. 2010

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Org. atlas, 2009

GOMEZ, Q. G. **Maternidade como enigma:** Atenas, as Luzes e Freud. *Physis* [online]. 2000, vol.10, n.2, pp. 51-74. ISSN 1809-4481. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312000000200003&script=sci_arttext. Acesso em: 14 Ago 2014.

HEIDEGGER, M. **Sobre a essência da verdade**. In: Conferências e escritos filosóficos. Coleção Os Pensadores Trad. Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, M. **Sobre o "humanismo**" carta a JEAN BEAUFRET. Paris:1976.

HOLANDA, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica.**Rev. Análise Psicológica**, 24 (3), 363-372. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010411691999000400008&l> Acesso em: 14 fev 2015.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo**: versão 1.0 para ArcGis Desktop-ArcView. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. 1 CD-ROM.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sinopse do Censo Demográfico 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2011. 261p

KNIBIELHER, Y. ; FOUQUET, C. **Histoire dês Mères.**Paris: Montalba, 1977

LEAL, I. P. **Psicologia da maternidade:** Alguns Aspectos da teoria e Prática de Intervenção Análise Psicológica, 10 (2), 229-234. (1992). Disponível em: <http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2974/1/1992_2_229.pdf> Acesso em: 05 Jun 2015.

LIMA, MENDES, PASSOS .Vivenciando a maternidade tardia e conhecendo seus aspectos influenciadores.**Revista Enfermagem Integrada**. Ipatinga: Unileste-MG-V.2-N.2-Nov./Dez. 2009

MARTINS, Ana Paula Vosne. “Apresentação”. In**. HISTÓRIA:** questões & debates – Parto e Maternidade. Curitiba, PR : Editora UFPR, ano 24, n. 47, jul/dez. 2007.

MARTINS, J; BICUDO, M. **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Centauro. 2005

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MINUCHIN, S. Famílias: Funcionamento & Tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. P.25-69.

MOREIRA, R. L. C. A. RASERA, E. F. Maternidades: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las.**Rev. *Psicol. Soc.*** [online]. 2010, vol.22, n.3, pp. 529-537. ISSN 0102-7182. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822010000300013> Acesso em 02 Ago. 2014.

MOURA, S. M. S. R. ARAUJO, M. de F. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos**. Rev.Psicologia ciencia.***prof.*[online]. 2004, vol.24, n.1, pp. 44-55. ISSN 1414-9893. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932004000100006&script=sci_arttext> Acesso em: 01 Ago. 2014

NAVARRO, L, R.**A cama na varanda:** arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências- Ed. rev. e ampliada. - Rio de Janeiro: Bests, 2007.

NOVELINO, Aída. **Maternidade:** um Perfil Idealizado. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, maio de 1988, n.65, p.21-29.

NUENBERG, A. H. **Gênero no contexto da produção científica brasileira em psicologia.** 2005. 342 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/86384/211687.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 Fev. 2015.

OCTAVIANO, M. D. C. L., & Ney, P. A. V. VICE-REITORIA ACADEMICA COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO. (2003).

OLIVEIRA, M. C. **A família brasileira no limiar do ano 2000**. Estudos Feministas, v.4, n.1, p.55-63, 1996.

PASSOS, M.P. **Família: o que muda e o que permanece em diferentes configurações.** Cadernos de psicologia, 12(1), 31-43, 2002.

PATIAS, N. D. BUAES, C. S. **"Tem que ser uma escolha da mulher" representações de maternidade em mulheres não-mães por opção**. *Psicol. Soc.* [online]. 2012, vol.24, n.2, pp. 300-306. ISSN 0102-7182. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007>. Acesso em 02 Fev. 2015

PINSKY,J. **100 Textos de História Antiga**. São Paulo: Editora Contexto. 2002

PORTO. D. O significado da maternidade na construção do feminino: uma crítica bioética à desigualdade de gênero.Propriedade Privada e do Estado. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 215. **Revista Redbioética/UNESCO**, 2, 1(3), 55-66, enero-junio 2011.ISSN 2077-9445Disponível em: <http://www.unesco.org.uy/ci/fileadmin/shs/redbioetica/revista_3/Porto.pdf >. Acesso em: 14 set 2014

RIOS, M G, GOMES, I C. Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos**.** ***Estud. psicol****. (Campinas)* [online]. 2009, vol.26, n.2, pp. 215-225. ISSN 1982-0275. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200009> Acesso em: 05 fev2015

RIOS. M.G.L**. Um estudo sobre o adiamento da maternidade em mulheres contemporâneas.** Tese de Doutorado em Psicologia- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012. 200 f. Disponível em:www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde.../rios_corrigida.pdf Acesso em 12 Jun. 2014.

ROCHA, M.M.S.; BARROS J.N. **Mulher, mãe e profissional:** uma breve discussão sobre o reflexo dessas escolhas no modo de ser mulher. Minas Gerais: Unileste. 2008. Disponível em: <http://www.unilestemg.br/kaleidoscopio/artigos/volume2/MULHE_MAE_E_PROFISSIONAL_UMA_BREVE_DISCUSSAO_SOBRE_O_REFLEXO_DESSAS_ESCOLHAS_NO_MODO_DE_SER.pdf> Acesso em: 03 Jun. 2014

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

RUFFIÉ, Jacques**. O sexo e a morte.** Lisboa, Dom Quixote, 1987.

SALEM, T. **A Trajetória do "Casal Grávido":** de sua Constituição à Revisão de seu Projeto. In: Figueira, S. (org.) *A Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 35-61. São Paulo: Thomson, 2007

SARTRE. J P. **O existencialismo é um humanismo**. A imaginação: Questão de método. Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Rita Correira Guedes, Luiz Roberto Salinas Forte, Bento Prado Júnior. 3. Ed. São Paulo : Nova Cultural, 1987.

SCAVONE, L. **A maternidade e o feminismo:** diálogo com as ciências sociais. Cadernos Pagu (16) 2001: pp.137-150. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a08> Acesso em 08 jun. 2014

SCAVONE, L.Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais. São Paulo: UNESP. 2004.**Cad. Saúde Pública**[online]. 2006, vol.22, n.8, pp. 1762-1764. ISSN 1678-4464. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2006000800027&script=sci_arttext> Acesso em 08 jun. 2014

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Revista Interfaces**, Botucatu, v. 5, n. 8, 2001, p. 47-69. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>Acesso em: 02 de fev 2015.

SCHRAMM, FR. **Globalização e moralidade da pesquisa com seres humanos.** Cad. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, p.531 – 545, 2009.

SEGATTO, R.L. Notas de sala de aulaem **IICurso de Especialização** Latu Sensu em Bioética. Universidade de Brasília/Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília. . 2000

SEIXAS, Ana Maria R., **Sexualidade Feminina:** História, Cultura, Família, Personalidade & Psicodrama. São Paulo, Ed. Senac,1998.

SEMINÁRIO GÊNERO E FEMINISMO: DESVELANDO TRAJETÓRIAS, 8. 2004, São Paulo. **Anais Coordenadoria Especial da Mulher.** Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05630.pdf>. Acesso em 8 Fev. 2015

SIMÕES, F. I. W; HASHIMOTO, F. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. **Revista Vozes dos Vales:** Publicações Acadêmicas: Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, ano 1, n. 2, 2012. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/site/revistamultidisciplinar/files/2011/09/Mulher- mercado-de-trabalho-e-as-configura%C3%A7%C3%B5es-familiares-do-s%C3%A9culo-XX_fatima.pdf> Acesso em 28 Set. 2014.

SISSA, G. **Filosofias delgénero:**Platón, Aristóteles y la diferencia sexual. Historia de lasmujeres, I, Madrid: Taurus, 1993. TUBERT, S. Mujeressin sombra. Maternidad y tecnologia. Madrid: Siglo XXI, 1991.

SULLEROT, E. **Les Changements de Rôles de Hommes et des Femmes en Europe**. In: O CORREIO de UNESCO, janeiro, ano 7, nº1, Brasil, 1978, p. 23

SÜSSMUTCH, R.**A nova maternidade e os projetos de vida da mulher**.In:SOLIZ, N. (Org.) A mulher no séc. XXI. Rio de Janeiro: Instituto Goethe, 1988. p.15-28.

TEIXEIRA, J. A C. Introdução à psicoterapia existencial. **Rev.Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, nº 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf> Acesso em: 10 mar. 2015.

TELES, M.A.A. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TELES, V.M.C. **Bissexualidade:** Identidade, Identificações e Comportamento Sexual - Um estudo de casos. Universidade Federal do Rio de Janeiro Instituto de Psicologia. Mestrado em Psicologia Social, Cognitiva e da Personalidade. 1999

TURATO, E. **Tratado da metodologia da pesquisa da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis.Rio de Janeiro): Vozes, 2003.

VIETTA. E. P. **Configuração triádica, Humanista-Existencial Personalista:** uma abordagem teórica-metodológica de aplicação nas pesquisas de Enfermagem psiquiátrica e saúde mental. Rev. Latino-am. enfermagem – Ribeirão Preto – v. 3 – n. 1 – p. 31-43 – janeiro 1995

WAGNER, A. (Coord.). (2002). Família em cena: tramas, dramas e transformações. Petrópolis, RJ: Vozes, 188 p. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v8n2/v8n2a13.pdf> Acesso em 25 Mai 2015

APÊNDICES

APÊNDICE A – Entrevista semistruturada

Dados Sócio demográficos

1)Qual sua idade?

2) Tempo de relacionamento conjugal?

3) Qual a sua profissão?

4)Deseja ser mãe?

Perguntas

5) Se sim qual o melhor momento? Se não como estabeleceu sua decisão?

5.1)Idade que pretende ser mãe?

6) Qual a primeira palavra que vem a sua mente sobre maternidade?

7) Quais os sentimentos ao pensar na maternidade?

8) Na sua concepção o que é maternidade ou ser mãe?

9) Na hierarquia das escolhas de sua vida em que colocação está a de ser mãe?

10) Trocaria a escolha da maternidade por um outro projeto de vida? Sim/Não. Exponha sua opinião.

11) Em sua opinião quais fatores contribuem para a escolha da maternidade?

12) Em que tipo de condição emocional você acredita que precisa estar para ser mãe?

13) Você sente autonomia para decidir sobre ser mãe?

14) O cotidiano da atualidade tem feito com que as mulheres adiem ou recusem a maternidade. Qual sua opinião a respeito?

15) Ao se imaginar como mãe, qual modelo de mãe você se identifica?

APÊNDICE B- Termo de consentimento livre e esclarecido para realização de pesquisa com seres humanos.

FACULDADE CATÓLICA SALESIANA
DO ESPÍRITO SANTO

TÍTULO DA PESQUISA: "A escolha de ser mãe: concepções de mulheres na contemporaneidade".

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Profª Msc Vânia Maria Congro Teles.

JUSTIFICATIVA: Investigar a concepção da mulher no que se refere à escolha pela maternidade através da evolução social e cultural e sua percepção subjetiva em ser mãe.

OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS DA PESQUISA: Investigar as concepções de maternidade para as mulheres da atualidade como compreensão de sua escolha em ser mãe.

DESCONFORTO E POSSÍVEIS RISCOS ASSOCIADOS À PESQUISA: Não haverá nenhum tipo de compensação financeira relacionada à pesquisa. E todos os procedimentos previstos na presente pesquisa não promoverão desconforto ou risco aos participantes.

BENEFÍCIOS DA PESQUISA: Os benefícios relacionados à sua participação irão favorecer o aprofundamento do conhecimento cientifico para a área da psicologia no que tange a questão da maternidade e o gênero feminino- objetiva-se o uso deste trabalho como instrumento de compreensão, intervenção, escuta e acolhimento qualificado.

FORMA DE ACOMPANHAMENTO E ASSISTÊNCIA: Quando necessário, o voluntário receberá toda a assistência médica, psicológica e/ou social aos agravos decorrentes das atividades da pesquisa. Basta procurar a pesquisadora Vânia Maria Congro Teles pelo telefone do trabalho 27-33318500, e também no endereço Av. Vitória, nº950, Forte São João – Vitória-ES. Cep: 29017-950.

ESCLARECIMENTOS E DIREITOS: Serão disponibilizados 2 (duas) cópias do TCLE, assinadas pelos sujeitos e distribuídas uma cópia para cada um. Em

qualquer momento o voluntário poderá obter esclarecimentos sobre todos os procedimentos utilizados na pesquisa e nas formas de divulgação dos resultados. Tem também a liberdade e o direito de recusar sua participação ou retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo do atendimento usual fornecido pelos pesquisadores.

CONFIDENCIALIDADE E AVALIAÇÃO DOS REGISTROS: Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. Os resultados dos procedimentos executados na pesquisa serão analisados e alocados em tabelas, figuras ou gráficos e divulgados em palestras, conferências, periódico científico ou outra forma de divulgação que propicie o repasse dos conhecimentos para a sociedade e para autoridades normativas em saúde nacionais ou internacionais, de acordo com as normas/leis legais regulatórias de proteção nacional ou internacional.

CONSENTIMENTO PÓSINFORMAÇÃO

Eu,_____,porta dor da Carteira de identidade nº. _____ expedida pelo Órgão _____, por me considerar devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre o conteúdo deste termo e da pesquisa a ser desenvolvido, livremente expresso meu consentimento para inclusão, como sujeito da pesquisa. Ciente desta informação, de posse de uma copia por mim assinada.

_____

Assinatura do Participante Voluntário/ Data

_____

Assinatura do Responsável pelo Estudo / Data